

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ana Paula Santos Ciríaco

O TRABALHO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR DIANTE DA
HETEROGENEIDADE DE APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA

Garanhuns

2018

Ana Paula Santos Ciríaco

O TRABALHO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR DIANTE DA
HETEROGENEIDADE DE APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientadora: Prof.a. Dra. Leila Nascimento da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns - PE, Brasil

C578t Ciríaco, Ana Paula Santos

O trabalho do professor alfabetizador diante da heterogeneidade em sala de aula / Ana Paula Santos Ciríaco. - 2018.
66 f. : il.

Orientador(a): Leila Nascimento da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Pedagogia, Garanhuns, BR - PE, 2018.
Inclui referências e apêndices

1. Prática de ensino 2. Alfabetização 3. Aprendizagem 4. Educação I. Silva, Leila Nascimento da, orient. II. Título

CDD 371.3

Ana Paula Santos Ciríaco

O Trabalho do Professor alfabetizador diante da heterogeneidade de aprendizagem em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Leila Nascimento da Silva - UAG/ UFRPE

Prof^ª. Me. Elaine Cristina Nascimento da Silva - UAG/ UFRPE

Prof^ª. Dr^ª. Maria Jose Gomes Cavalcante - UAG/UFRPE

Dedico este trabalho a toda minha família, aos meus amigos, que fiz durante a graduação, e aos meus professores.

Construir juntos é a recuperação do sentido da cooperação/solidariedade, do partilhar e não confinar do saber, mesmo porque não se pode mais pensar na dualidade de quem não sabe em relação a quem sabe.

Nilda Alves

AGRADECIMENTOS

Percorremos uma longa jornada durante esses quatro anos de estudo e dedicação, porém tenho consciência que muitos caminhos ainda precisarei caminhar para ser uma boa profissional. Muito ainda falta para conhecer, pois o conhecimento é algo vivo que necessita de constante modificação e estudos para alcançar melhores oportunidades em prol do crescimento de saberes para todos.

Por essa razão agradeço principalmente Deus, nosso pai grandioso por essa vitória. Agradeço a minha família pelo suporte e força para seguir firme nos estudos durante a graduação, meus pais, meus tios, minha sogra e meu sogro, meu marido e meus filhos (razões para superar a cada dia).

Agradeço as minhas amigas/irmãs de coração, em especial Gercivânia, Andrea, Lucivânia e Sara. Companheiras de trabalhos, conversas e trocas de experiências pedagógicas, com vocês ao meu lado, meus caminhos tornaram-se mais alegres, divertidos e os trabalhos mais fáceis de concluir.

Quero agradecer muito a todos os meus professores. Foram vocês que fizeram toda a diferença em minha graduação. Em especial, quero agradecer a quatro professores que foram essenciais para minha formação na UAG, pois me fizeram ver e ir além do que poderia como a minha orientadora e Professora Leila Nascimento da Silva, por acreditar no meu trabalho e nos meus interesses de estudo.

Agradeço também à Professora Heloisa Flora Bastos, que com sua doçura e tranquilidade sanou dúvidas e anseios de forma tão angelical, que nos faz querer ficar sempre perto, como filhos para aprender seus saberes e acreditar que através da educação podemos mudar futuros.

Quero agradecer também aos Professores Caetano Di Carli e Valéria Barza. Todos esses docentes citados, entre outros, que não consegui citar nas linhas deste trabalho, mas que orientaram meus olhares em prol de mudanças individuais, profissionais e acadêmicas na minha vida.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, participaram da minha vida acadêmica. Hoje só tenho a dizer, muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma discussão sobre a prática de uma professora alfabetizadora diante da heterogeneidade de aprendizagem de alunos no processo de alfabetização. Buscamos compreender as práticas e as estratégias didáticas utilizadas em sala de aula para tentar garantir a progressão de aprendizagem para todos os alunos. Para tanto, tivemos como objetivos com esse trabalho: Caracterizar as situações didáticas adotadas por uma professora na tarefa de alfabetizar; Verificar se há ou não há um trabalho com a heterogeneidade de aprendizagem. Tal trabalho realizou-se em dez aulas consecutivas em turno integral, no mês de Novembro de 2017. Nosso foco de pesquisa foi uma turma do 2º ano dos Anos iniciais do Ensino Fundamental (ciclo de alfabetização), em uma escola Pública do Município de Garanhuns. Na coleta de dados, utilizamos como instrumento, a observações de dez aulas e entrevista semiestruturada. Os resultados demonstraram que o trabalho da professora circulou em grande parte das aulas, no ensino da Língua Portuguesa e com a predominância de atividades sobre o sistema de notação Alfabética. Durante as aulas foram trabalhadas estratégias didáticas como trabalho em grupos, trabalhos individuais e trabalhos em duplas entre os alunos. Concluimos que o atendimento à diversidade de aprendizagem em sala de aula é extremamente necessário para progressão dos alunos no período da alfabetização. Da mesma forma, que as formações continuadas são essenciais para professores incrementarem novas metodologias em sala de aula para a progressão dos alunos na alfabetização.

Palavras-chave: 1º ciclo de Alfabetização. Heterogeneidade de aprendizagem. Estratégias de ensino.

ABSTRACT

This present research presents a discussion about the practice of a literacy teacher in view of the heterogeneity of students' learning in the literacy process. We sought to understand the practices and didactic strategies used in the classroom to try to guarantee the progression of learning for all the students. Therefore, we had as objectives with this work: To characterize the didactic situations adopted by a teacher in the task of literacy; Check whether or not there is a work with learning heterogeneity. This work was carried out in ten consecutive full-time classes in November 2017. Our research focus was a class of the 2nd year of the Initial Years of Elementary School (literacy cycle), in a Public School of the Municipality of Garanhuns. In the data collection, we used as instrument, the observations of ten classes and semi-structured interview. The results showed that the work of the teacher, circulated in most of the classes, in the teaching of the Portuguese Language and with the predominance of activities on the Alphabetic notation system. During the classes were worked out didactic strategies like, work in groups, individual works and works in doubles among the students. We conclude that the attendance to the diversity of learning in the classroom is extremely necessary for the progression of students' learning in the period of literacy. Likewise, continuing education is essential for teachers to increase new classroom methodologies for student literacy progression.

Key words: 1º Cycle of Alphabetic. Heterogeneity of learning. Teaching strategies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.2 A Heterogeneidade: característica da educação para todos.....	19
2.3 O Professor alfabetizador e seus modos de agir	24
3 METODOLOGIA	31
3.1 Objetivos	31
3.1.1 Geral.....	31
3.1.2 Objetivos específicos.....	32
3.2 Tipo de pesquisa e formas de coletas de dados.....	32
3.3 Critérios de escolha da Turma e Docente	32
3.4 CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES	34
3.4.1 Perfil da escola	34
3.4.2 Perfil da Docente	35
3.4.3 Característica da sala de aula.....	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
4.1 Caracterizações da Prática Pedagógica.....	36
4.2 As estratégias de mediação adotadas pela Professora para lidar com a Heterogeneidade de nível de conhecimento em relação a Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética – SEA	44
4.3 Entrevista com a Docente	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES.....	63

1 INTRODUÇÃO

A homogeneidade de aprendizagem foi alvo das expectativas de sucessos educacionais e a sociedade ousava trabalhar com alunos em período escolar de maneiras iguais. Os que conseguiam vencer as barreiras da igualdade eram considerados os melhores. Infelizmente, os que não atingiam essas habilidades eram levados aos castigos: psicológicos, físicos e sociais. De acordo com Frade (2005), mesmo que o aluno não aprendesse ou que aprendesse de outras formas, muitos professores e escolas não modificavam suas práticas de ensino e aprendizagem.

Durantes anos o ensino da alfabetização no Brasil foi baseado nas habilidades de codificação e decodificação da leitura e da escrita. Segundo Albuquerque (2007), ensino foi baseado em diferentes métodos, sendo os métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) e os métodos analíticos (global) padronizando a aprendizagem da alfabetização com cartilhas distribuídas aos alunos. Somente a partir de 1980 que esses materiais foram criticados por estudiosos de diferentes áreas, na busca de uma nova maneira no ensino da língua Portuguesa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), o ensino da Língua Portuguesa deve ser o resultado de uma tríade variável que seria o aluno, a língua e o ensino. O aluno é o sujeito da ação de aprender. Mas, não é apenas isso. Segundo Ferreira (1991), as crianças não são apenas sujeitos de aprendizagem, são também sujeitos de conhecimentos, pois adquirem novos comportamentos durante seus estágios de desenvolvimento, adquirindo novos conhecimentos.

Portanto, o ensino deve ser pautado na diversidade de aprendizagens, pois todos têm o direito de aprender dentro de suas condições de apreensão de conhecimentos. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (BRASIL 2013, p.70), o Ensino Fundamental, ao longo dos três primeiros anos, amplia e intensifica o processo educativo, desenvolvendo a capacidade dos alunos de aprender e compreender conhecimentos, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura e da escrita e o foco central na alfabetização.

A heterogeneidade de aprendizagem é bem evidente nas salas de aula e de acordo com as diretrizes, a classificação dos alunos por grupos homogêneos acontecia quando as escolas dividiam as salas por níveis de aprendizagens dos alunos, o que prejudicava o ensino e aumentava a defasagem de aprendizagem entre eles. Hoje devemos pensar numa educação que vise a heterogeneidade dos alunos garantindo uma aprendizagem para todos. Para Moraes

(2005) é importante que o professor esteja atento a heterogeneidade presente em sala de aula e que ofereça atividades relativas aos níveis de seus alunos em hipóteses de escritas diferentes.

Segundo Tardiff (2008), o ofício de professor deve levar em consideração diversos elementos em seu trabalho, dentre eles, o seu próprio conhecimento com os alunos, suas diferenças, habilidades, interesses, comportamentos em sala de aula, podendo assim, encontrar medidas específicas de ensino/aprendizagem perante o enfrentamento de sua realidade.

Diante desse contexto que nasceu essa pesquisa. Durante a graduação, como aluna PIC participei de uma pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no qual tem o intuito incentivar alunos para se iniciar em pesquisas científicas em todas as áreas de conhecimento. Eu participei de uma pesquisa na área de alfabetização e, devido ao contato e estudos na área, nasceu em mim o interesse de aprimorar estudos nesse meio de pesquisa. Uma vez que, o processo de alfabetização é uma um momento cheio de especificidades na linguagem oral e escrita e requer do Professor um perfil de mediador desses conhecimentos. Uma boa base de alfabetização pode ser um caminho para cidadãos críticos e participativos na sociedade.

É sabido que a realidade das redes de ensino brasileiras tem evidenciado o quão grande é o desafio dos Professores alfabetizar os alunos na idade prevista, ou seja, ao final do 2º ano, de acordo com a nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC). As avaliações nacionais, como o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e internacionais, como o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), mostram-nos que muitos alunos têm chegado ao final dos anos iniciais (5º ano) ainda sem estar com o processo de alfabetização consolidado. Isso nos alerta para a necessidade de discutirmos as práticas alfabetizadoras e buscarmos meios para garantir a progressão da aprendizagem para todos os alunos. Pela relevância do problema, partimos da indagação: qual o trabalho do professor alfabetizador diante da diversidade de aprendizagem na alfabetização?

Diante do exposto, fica evidente a grande necessidade de estudos mais aprofundados sobre a prática docente, diante da heterogeneidade de aprendizagem dos alunos no período da alfabetização. Nesse estudo, o nosso objetivo geral foi analisar o trabalho de uma professora alfabetizadora de uma Escola Municipal de Garanhuns, visando perceber se existe uma preocupação no atendimento à heterogeneidade da aprendizagem dos alunos. Nossos objetivos específicos foram: a) Caracterizar as estratégias didáticas adotadas pela professora na tarefa de alfabetizar; b) Verificar se há ou não há um trabalho com a heterogeneidade de aprendizagem em sala de aula.

Nossas pretensões com esta pesquisa é mostrar a prática de professores alfabetizadores, que trabalham diariamente com uma diversidade de aprendizagem em diferentes contextos de vida dos alunos. Por essa razão, esta pesquisa se voltou para o trabalho docente, diante da heterogeneidade de aprendizagem dos alunos, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, por se tratar de uma turma que a heterogeneidade é mais evidente.

Nesse sentido, estudos e pesquisas sobre práticas de professores alfabetizadores são importantes, pois o professor alfabetizador trabalha com a base do ensino da linguagem oral e escrita de crianças. O desenvolvimento desse estudo pode contribuir para formação de novos profissionais que atuam ou até mesmo, profissionais que gostariam de ser alfabetizadores em prol de uma educação com qualidade.

Na discussão dessas questões, dividimos esse trabalho em cinco capítulos: o primeiro tratará a fundamentação teórica, o segundo aponta discussões metodológicas e as duas seguintes apresentam os resultados da pesquisa e o último capítulo mostra as considerações finais sobre a pesquisa.

No primeiro capítulo abordaremos questões iniciais sobre a alfabetização, as hipóteses das crianças sobre a escrita alfabética e os domínios do sistema de escrita alfabética para as crianças se apropriarem da língua escrita, tornando a escrita alfabética como algo próprio nas diversas propriedades do sistema, pois essa aprendizagem torna-se uma prática social. Em seguida apresentaremos questões sobre a heterogeneidade de aprendizagem em sala de aula discutindo eixos sobre a proposta em ciclos contribuiu favorecimento de uma educação para todos. Em sala de aula os alunos passam por diferentes níveis de aprendizagem da língua escrita, cada um tem um ritmo e um tempo para aprender e que a diversidade de aprendizagem existe em toda sala. Por isso é muito importante o trabalho Professor alfabetizador, tendo em vista que a sua prática constrói relações no ensino e na aprendizagem diante da realidade de seus alunos. O Professor alfabetizador tem em seu modo de agir a mediação de conhecimento sobre a linguagem escrita desenvolvendo a progressão dos níveis de aprendizagem.

O segundo capítulo trata-se da metodologia utilizada na pesquisa, o campo de pesquisa, os critérios de escolha da docente e da turma. Fizemos uma opção pela pesquisa etnográfica, no qual utilizamos de técnicas etnográficas como a observação e entrevista. Após delimitarmos nosso campo de pesquisa e sobre o primeiro encontro com a docente. Em seguida traçamos um perfil sobre a escola, a docente e a sala de aula.

No capítulo dos resultados tecemos caracterizações da prática da docente, as atividades que foram trabalhadas com os alunos. Discutimos também sobre as estratégias de mediação

adotadas para lidar com a heterogeneidade de nível de aprendizagem sobre o sistema de escrita alfabética e a frequência das estratégias trabalhadas nas aulas. Apresentamos também a entrevista realizada com a docente com a intenção de perceber o olhar da docente sobre o seu próprio trabalho de alfabetizadora e a construção da aprendizagem dos alunos na alfabetização.

Nas considerações finais abordamos os resultados encontrados na pesquisa e indicamos alguns pontos que achamos relevantes para a continuidade de estudos sobre a prática docente diante da heterogeneidade de aprendizagem em sala de aula. Assim, poderemos contribuir para a construção de uma educação com qualidade para todos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse capítulo está dividido em três seções com discussões teóricas. Inicialmente apresentaremos breves diálogos sobre a aprendizagem de crianças no período da alfabetização. A aprendizagem da criança acontece em diversos momentos, desde o seu nascimento. É na escola que os conhecimentos são sistematizados para a construção do aprendizado da língua escrita. Para chegar ao nível de alfabetização, a criança passa por diferentes níveis de aprendizagem. Nós, professores mediadores, devemos estar atentos a esses períodos para o avanço da alfabetização. Nesse momento, é importante conhecer teorias para sustentar e aprimorar práticas no ensino. Na segunda seção trataremos sobre a heterogeneidade de aprendizagem na alfabetização e como a proposta em ciclos favoreceu o ensino de uma educação para todos. Na terceira seção dialogamos sobre o trabalho do professor alfabetizador e suas formas de agir no ensino.

A seguir, conversamos sobre a alfabetização, tais como, as teorias de Emília Ferreiro, sobre a psicogênese da escrita alfabética e estudos de Artur Morais, sobre as propriedades sobre o sistema alfabético, e outros autores que apresentam meios para a aprendizagem em processo escolar.

2.1 A Alfabetização e a progressão da aprendizagem

A escola foi uma das primeiras instituições a redefinir objetivos diante de demandas sociais, culturais e individuais do ser humano. Para Gomes e Monteiro (2005), o desenvolvimento humano seria um mecanismo individual, vivenciado por processos sociais e culturais que são vinculadas devido às relações com outras pessoas.

Para Cunha (2000), somos humanos pela linguagem. A leitura e escrita são partes fundamentais do universo criado pela linguagem, e a partir dela que compreendemos noções sobre o outro e sobre nós mesmos. Construimos mentalmente um universo de ideias e palavras, que cria possibilidades de ver e compreender o mundo com mais verdade e encantamento. Assim, a aprendizagem da linguagem oral e escrita torna-se uma prática social que produz sentidos através da fala, escrita e compreensão. Na escola, o docente é um mediador entre aluno e o conhecimento.

A aprendizagem, então, é vista como um processo construído através da linguagem nas interações e ações entre professores e alunos, tanto no plano individual quanto no plano coletivo. Por meio da linguagem, os conceitos cotidianos vão dando lugar à elaboração de conceitos científicos: novas

palavras são aprendidas e os significados das palavras corriqueiras vão sendo ampliados com novas acepções. Por isso, pode-se considerar a aprendizagem como um processo discursivo que implica a elaboração conceitual da palavra, que, por sua vez, só pode acontecer quando as pessoas se encontram e fazem uso da linguagem em seus grupos culturais (MONTEIRO e GOMES 2005, p. 23).

É importante, o papel das interações na sala de aula no processo de ensino/aprendizagem da escrita e da leitura, pois é um momento para criar significados sobre o desenvolvimento da consciência sobre as diversas linguagens. As crianças podem perceber que os conceitos ensinados na escola são importantes para o desenvolvimento cognitivo. Elas podem compreender que os conceitos e as compreensões do ato de ler e escrever poderá desenvolver capacidades mentais essenciais e de uso e aplicações no dia a dia, tornando-se alfabetizada.

Para Ferreiro (1991), as crianças adquirem novos comportamentos durante seu desenvolvimento e adquirem novos conhecimentos. Para adquirir novos conhecimentos sobre o sistema de escrita, elas assimilam informações do meio ambiente e experimentam para entender suas propriedades e suas hipóteses. Por isso, elaboram informações e tentam dar sentidos ao conjunto de dados interligados mentalmente, criando sistemas interpretativos, que atuam como sistemas de assimilação para elas. Conforme a teoria da psicogênese da escrita, elaborada por Ferreiro e Teberosky (1985), os alunos passam por quatro níveis ou diferentes hipóteses sobre a escrita alfabética, pré-silábico, o silábico, o silábico-alfabético e o alfabético. Cabem-nos comentar resumidamente, sobre esses quatro níveis ou processos de aquisição:

1. Fase pré-silábica

A criança na fase inicial ainda não distingue entre desenho e escrita. Ainda não descobriu que a escrita nota ou registra no papel a pauta sonora, ou seja, a sequência de pedaços sonoros das palavras que falamos. O aprendiz faz progressos pouco a pouco e decifrando as criações e interpretações da escrita.

2. Fase silábica

Nessa fase a criança compreende que para cada sílaba pronunciada, deve-se colocar uma letra. Embora, já perceba o vínculo entre as partes orais e escritas, descobriu os sistemas de escrita silábicos.

3. Fase silábica alfabética

Nesse período a criança descobriu que a escrita alfabética nota as partes orais das palavras que pronunciamos. o aprendiz precisa refletir sobre o interior das sílabas orais, de forma que busque notar pequenos sons que as formam, em lugar de coloca uma letra par cada sílaba.

4. Fase alfabética

A criança recém-chegada a nessa fase pensa que prevalece a lógica idealizada para o sistema, segundo a qual cada letra deveria equivaler um

único som e que cada som deveria ser notado por uma única letra. Dessa forma a crianças tende a pensar que seus problemas de escrita estão resolvidos (BRASIL, 2012).

Diante do exposto, a criança necessita de um tempo para estar completamente alfabetizado. A criança começa a entender os sistemas da língua escrita, a partir de pequenas interpretações e criações da língua escrita, passando por diferentes etapas progressivas para chegar a momento de ligações lógicas sobre o que ela escreve. Esse processo do desenvolvimento se diferencia de criança para outra, segue um tempo próprio e individual.

O professor mediador do conhecimento precisará criar estratégias de ensino, diante das reais dificuldades dos alunos na progressão do aprendizado. Pensando nesses eixos de aprendizagem que Morais (2012), elaborou uma lista de domínios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), que ajuda-nos a compreender os níveis de entendimento dos alunos sobre a língua escrita, na qual os alunos precisam construir e reconstruir mentalmente, para chegar o nível de consciência da alfabetização. Logo abaixo, descrevemos propriedades do SEA descritos por Morais (2012, p. 31):

1. Escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos.
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças na identidade das mesmas (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p).
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada.
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras.
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras.
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem.
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos.
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras, usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante – vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Após compreender todas essas etapas, as crianças assimilam as regras existentes na estrutura das palavras que escrevem, construindo assim, noções sobre como esse sistema funciona para estar alfabetizada.

Segundo Soares (2008), a alfabetização é um conjunto de habilidades de natureza complexa e multifacetada que cada aluno tem que compreender para estar alfabetizado e entender o papel e significados da linguagem oral e escrita.

O conceito de Alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia que é representativa da linguagem humana e o domínio desse sistema de representação envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos convencionais, assim como também capacidades motoras e cognitivas na apreensão desse conhecimento, como explica Soares e Batista (2005):

Conhecimentos e procedimentos: a escrita alfabética ortográfica é um sistema de representação; ele se distingue de outros sistemas de representação, como o desenho; ele representa certas propriedades do signo lingüístico; sua utilização envolve uma automatização das relações entre o escrito e aquilo que representa.

Capacidades motoras e cognitivas: habilidades de ler e escrever seguindo a direção correta da escrita na página, habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha, corretivo, régua...), aprendizagem de uma postura corporal adequada na leitura e na escrita, aprendizagem da caligrafia. (SOARES e BATISTA, 2005, p. 24).

Então, o conhecimento construído pelas crianças durante a aprendizagem da leitura e escrita apresenta propriedades conceituais e intelectuais. Nesse processo de construção/reconstrução, a mediação do professor é fundamental para favorecer a todos os alunos a apropriação do sistema de escrita alfabética em sala de aula.

Para tanto, é necessário a realização de um trabalho sistemático de reflexão constante sobre as características do nosso sistema de escrita alfabético, pois o nosso sistema representa aspectos fonológicos da linguagem que necessita de tempo para sua completa compreensão tendo em vista todas as convenções existentes na escrita e na linguagem falada. Para Albuquerque (2007), o desenvolvimento de um ensino deve levar os alunos a perceberem que a escrita representa a pauta sonora e não o seu significado. Soares e Batista (2005), comentam que nessas fases as crianças passam por dificuldades.

(...), a criança apresentaria, após realizar, nos primeiros anos de vida, o progressivo domínio de sua língua materna, dificuldades para “naturalmente” voltar sua atenção para o aspecto sonoro da linguagem. Como a linguagem escrita estaria baseada, em geral, na representação desse aspecto sonoro – os grafemas tendem a representar os sons da língua – seria necessária uma instrução direta para que as crianças desenvolvessem,

conscientemente, a capacidade de segmentar e analisar as palavras em fonemas. Em outros termos, o desenvolvimento da consciência fonológica (atenção consciente ao extrato sonoro da língua) seria um pré-requisito (para uns) ou um requisito importante (para outros) para a apreensão de que a linguagem escrita representa, em linhas gerais, essas unidades sonoras mínimas (SOARES e BATISTA, 2005, p.39).

Soares (2006) esclarece a apropriação do sistema de escrita é diferente do ato de ler e escrever. Segundo a autora, aprender a escrever significa usar de uma tecnologia, codificar e decodificar a língua escrita. E apropriar-se da língua escrita é tornar a escrita própria, assumindo a sua propriedade. Por esse motivo que o conceito de alfabetização passou a ser vinculado ao fenômeno de letramento. Então alfabetização e letramento devem ser tratados juntos no ensino, cada um com suas particularidades, pois um complementa o outro.

Tfouni (2006) esclarece que a palavra letramento começou a ser falada mediante a tomada de consciência principalmente, entre os linguistas, de que havia algo além da alfabetização. Por isso, a palavra letramento nasceu com resultado da ação de dar sentido ao ato de ensinar e aprender ler e escrever, vinculada á prática social dos usos, como resultado da apropriação da escrita. Apesar de ambas as palavras, alfabetização e letramento, participarem de um mesmo processo, cada uma tem um sentido, um significado e uma razão, mas juntas podem fazer acontecer proezas no processo de aprendizagem da língua escrita e falada na formação do sujeito.

Visando melhorias no ensino, o Ministério da educação (MEC) buscou meios para viabilizar a educação para todos via a criação de leis, metas, pareceres e programas dentre os quais podemos destacar alguns que foram essenciais para a construção de uma educação com qualidade no Brasil como, por exemplo, o Parecer da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) Nº 4, de 10 de Junho de 2008, que institui que os três anos iniciais devem ser voltados à alfabetização e ao letramento.

Políticas educacionais fomentaram bases para o ensino da leitura e da escrita da criança no período da alfabetização favorecendo e oportunizando uma educação com qualidade e acarretando atenção a grande diversidade de tempos das crianças que outrora eram deixadas de lado ou apenas excluídas. Assim, para criança estar alfabetizada necessita de tempos, compreender a função social da escrita, ter reflexão sobre a língua e práticas sobre a função social do sistema de escrita alfabética.

Na próxima seção, iremos discutir sobre alguns princípios que nortearam a educação para todos, assim como a adesão ao sistema de ciclos facilitou a ampliação de tempos a formação dos alunos permitindo que sejam respeitados ritmos. Para discutir sobre

heterogeneidade de aprendizagem na alfabetização focaremos em entender a proposta dos ciclos, entendido como um eixo para atender a heterogeneidade de aprendizagens para a alfabetização. Logo, não existe sala de aula ou qualquer outro espaço social, onde a aprendizagem seja homogênea a todos, pois a heterogeneidade é uma característica do ser vivo. Então, o contexto educacional torna-se um ambiente rico pela diversidade, uma vez que a escola é um espaço social. Uma vez que devemos encarar os alunos como pessoas que terão sucesso de aprendizagem dos conhecimentos. Dar atenção às diferenças dos níveis de aprendizagem pode ser produtivo para todos.

2.2 A Heterogeneidade: característica da educação para todos

O sistema educacional passou por intensos questionamentos sobre as formas de organização, então foi redefinindo o papel do professor, outrora transmissor do conhecimento, cujo conteúdo de ensino seria acessível facilitando a memorização de conteúdos disciplinares e com o pressuposto que todos os alunos aprendem os conteúdos da mesma maneira e que tivessem as mesmas dificuldades.

Essa lógica que esteve sempre presente no trabalho escolar assume como pressuposto que todos os alunos aprendem da mesma forma, têm as mesmas dificuldades e necessitam do mesmo tipo de "conhecimento", hipótese totalmente errada e incapaz de sustentar-se numa situação como a atual, em que os alunos provêm de realidades infinitamente diversas, com problemas e necessidades de aprendizagem os mais variados (ALONSO 2003, p. 98).

A Constituição de 1998, no Artigo 206 deixa exposto que a educação é um direito de todos e que deverá ter como objetivo primordial o pleno desenvolvimento dos alunos. Sobretudo, o ensino deve ser provido do princípio de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Assim, a escola pública teve além de transformar o seu papel na sociedade, mudar o seu paradigma da aprendizagem dos alunos, que muitas vezes foram excluídos por não seguirem um padrão predefinido como homogêneo entre todos. O ensino pode ser tratado de forma que garanta uma aprendizagem significativa para todos os alunos das escolas brasileiras (PINTO, 2011).

A Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB), LEI nº 9.394/1996, apresentou um avanço na política quando promulgou a garantia de uma educação que deve ter como finalidade o pleno desenvolvimento do educando no sistema de ensino. Ocasionalmente, a LDB no Artigo 23 favoreceu abertura das instituições de ensino optarem por séries anuais,

períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados tendo como base a idade, a competência e outros critérios ou por forma de organização, sempre que houver o interesse do processo de aprendizagem. Dessa forma favoreceu o olhar para a diversidade de ensino/aprendizagem no contexto escolar, tentando superar os problemas educacionais, como o fracasso escolar. Segundo Azanha (2010), tais políticas ampliaram o direito à escolarização dos alunos, que deve ser tratada com esforços sistemáticos:

A universalização do acesso à educação básica não pode ser postergada tendo como justificativa um alegado *zelo pedagógico* que a vincularia à existência prévia de condições de oferta de um ensino 'de qualidade'. A decisão política de democratizar o acesso não pode submeter-se às demandas pedagógicas de qualquer sorte; ao contrário, a uma política educacional de democratização do acesso à escola devem corresponder esforços pedagógicos no sentido de viabilizar a todos as condições para o aproveitamento máximo da experiência escolar (AZANHA, 2010, p. 34).

Nessa perspectiva, as mudanças políticas em torno de uma educação com qualidade, colaboram para uma democratização do ensino a todos. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2013), uma educação para todos não se concretiza por meio de determinação de atividades de ensino ou de estabelecimento de parâmetros ou diretrizes curriculares, mas é uma conquista social, pois é direito de todos.

A abertura para a organização dos sistemas de ensino, em organizar seus tempos e seus espaços escolares possibilitou melhores espaços de trabalhos pedagógicos e de interação coletivo, uma vez que garante a todos direitos de acesso. A adoção dos ciclos tenta favorecer e superar fragmentações e desarticulações do ensino, ao mesmo tempo em que tenta alcançar as diferentes aprendizagens dos alunos em sala de aula.

A opção por esse regime vem acompanhada, em geral, de outras proposições relativas a aspectos de organização dos sistemas escolares com os quais se apresenta fortemente articulada: concepção de educação escolar obrigatória, desenho curricular, concepção de conhecimento e teoria de aprendizagem que fundamentam o ciclo, processo de avaliação, reforço e recuperação, composição de turmas, enfim, novas formas de ordenação dos tempos e espaços escolares que envolvem os diferentes atores sociais afetados pelos ciclos (MITRULIS E BARRETTO, 2001, p.103).

A estrutura desse sistema ampliou o olhar para etapas educacionais que antes eram fragmentados, o ensino, o currículo, os conhecimentos, as aprendizagens e avaliação. Favorecendo uma nova forma de pensar e de agir sobre o ensino e a aprendizagem nas escolas. A proposta de Ciclo de Alfabetização pode assegurar as crianças, o direito de

aprender, em seus diversos ritmos, pois são produtoras de culturas, com o direito de serem falantes, ouvintes, leitoras, escritoras, autônomas e autorais, ampliando a formação dos alunos e pode ampliar maior domínio de competências e habilidades dos alunos (BRASÍLIA, 2012).

A adoção de ciclos de formação visa ampliar o tempo destinado à formação dos educandos, permitindo que sejam respeitados seus ritmos. São em geral, tempos mais longos que as series-mais flexíveis e mais atentos às múltiplas dimensões da formação dos sujeitos socioculturais. Com os ciclos, os alunos passam a ter mais tempo para a aprendizagem, para a construção de conceitos, valores e atitudes, e para atingir maior domínio de competências e habilidades (MIRANDA 2000,p. 54).

A proposta de ciclos permitiu que as diferenças fossem respeitadas de acordo com o tempo natural das crianças. Assim a aprendizagem quebrou o paradigma sobre uma homogeneização do ato de aprender, favorecendo o diálogo compreensivo das relações entre professores e alunos. Cada aluno é diferente do outro e vivencia internamente situações diferentes dos outros colegas. Hoje, a heterogeneidade faz-se presente em todo contexto escolar e a interação entre as crianças de diferentes níveis de aprendizagem pode promover diversas aprendizagens (BRASIL, 2013).

A escola pública deve atender a heterogeneidade dos alunos garantindo um direito essencial ao ser humano e oferecendo subsídios na construção de conhecimentos e apreensão dos usos desses saberes. As propostas de ciclos de aprendizagem, segundo Couto (2008) representam uma ruptura menos radical no ensino, mantêm a reprovação no final dos ciclos de dois ou três anos e propõem mudanças mais superficiais no currículo e orientações metodológicas para o processo ensino e aprendizagem. Essa organização articula aspectos que fortalecem o olhar para o ensino/aprendizagem.

Esta organização articula outros aspectos que fortalecem a proposta, tais como: concepção de aluno, de educação escolar gratuita e obrigatória, processo avaliativo, acompanhamento paralelo e recuperação, concepção de conhecimento e teoria de aprendizagem fundamentada pela proposta, composição e consideração de turmas heterogêneas dentre outras, enfim, novas formas de se pensar os tempos e os espaços escolares, que afetam os sujeitos envolvidos no processo de escolarização (CHISTÉ E ALVES 2013, p. 61).

Assim a escola, como elo primordial da ação educativa, encontrou caminhos para transformar o seu papel, garantir direitos e articular metodologias renovadas ao ensino, no qual todos participam do processo, considerando a heterogeneidade de características individuais e sociais, conforme comenta a declaração de Salamanca.

(...) toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, os sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades. (BRASIL, 1994, p.1).

O direito a aprender na diversidade é uma atitude que dá finalidade à educação, pois viabiliza a aprendizagem, alcançando as peculiaridades de cada aluno. Segundo Couto (2008), é preciso observar como a heterogeneidade se apresenta e como ocorre no espaço da sala de aula e na relação professor/aluno. O ideal é perceber até que ponto alcança a inclusão social no currículo construído no espaço escolar a fim de atender toda a turma, a partir da elaboração de atividades comuns a toda a classe, sem levar em conta as diferenciações, experiências do tempo curricular e de aprendizagem e ausência de trabalhos complementares, de apoio aos alunos com mais dificuldades.

(...), observamos que, a um determinado prazo, ela instala cada um em seu nível e aumenta as diferenças. Além disso, ocasionalmente, impede um funcionamento ativo diante de situações-problema: enquanto os grupos que reúnem os alunos de nível elevado podem ir muito longe, os grupos dos alunos de nível baixo podem funcionar de maneira desastrosa, na falta de um mínimo de liderança e interações. A heterogeneidade é o motor em um grupo. Assim, o desafio está em reunir, frente a uma mesma situação de aprendizado, alunos de níveis diferentes, sem que isso favoreça, sistematicamente, os favorecidos (PERRENOUD 1999, p. 93-94).

Contudo, não podemos deixar de lado a importância e o que queremos alcançar com o conhecimento e com as competências do aprendizado diante da heterogeneidade. A divisão de grupos em diferentes níveis pode ser desastrosa no ensino, pois pode favorecer um ensino excludente. Trabalhar com a diversidade de níveis dos alunos deve favorecer no avançar das particularidades individuais para a construção de uma aprendizagem significativa no contexto educacional.

Do ponto de vista educacional, os três anos iniciais são voltados à aprendizagem da alfabetização e seria nesse período que está a grande diversidade em níveis de aprendizagem. Segundo Deleuze (1988), para a apreensão do conhecimento, é preciso construir um espaço de encontro com signos, ou seja, espaços de interpretação e compreensão do aprender, extrinsecamente e intrinsecamente. O professor é o mediador entre o conhecimento e a aprendizagem, ao mesmo tempo, faz unir pontos relevantes, estabelecendo princípios de

compreensão do outro, compreendendo as diferenças e construindo assim, um espaço real de aprendizagem.

A indiferença do ser humano segue dois aspectos: o abismo indiferenciado, o nada negro, o animal indeterminado em que tudo é dissolvido, mas também pode ser o nada brando, a superfície tornada calma em que flutuam determinações não ligadas, como membros esparsos, cabeças sem pescoço, braços sem ombros, olhos sem fronte (DELEUZE, 1988, p. 36).

A heterogeneidade pode ser vista em dois ângulos: de um lado, um aluno que, diante de suas diferenças de aprendizagem, é deixado de lado, por não conseguir aprender conforme o tempo dos demais colegas, excluído em sala. E aquele aluno que aparentemente é diferente, mas que somente repete ações e atitudes. A diferença entre os seres humanos deve sair do estado de exclusão e a partir dela, tornar algo visível e pensado para construir espaços de interação de aprendizagem.

É necessária a participação de todos, da esfera educacional, no processo de aprendizagem, uma vez que, a heterogeneidade de aprendizagens dos educandos é algo natural, mas que necessita de um trabalho de todos os agentes educadores, conforme afirma o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC):

(...) é importante que outros educadores (coordenadores pedagógicos, professores auxiliares etc.), sobretudo com experiência em alfabetização, assumam a tarefa de atender, em momentos e em tempos específicos, aos alunos que estão com defasagem de aprendizagem em seu processo de alfabetização. (BRASIL, 2012, P. 14).

Hoje, a heterogeneidade faz-se presente em toda sala de aula e em todo contexto escolar e na interação com crianças de diferentes níveis de aprendizagem, e na interação com outros pode criar e compreender diversas aprendizagens (BRASIL, 2012). Por essa razão, tornam-se necessárias a identificação e atuação de acordo com as diferenças individuais, de modo que a escola deve estar sempre planejando atividades que atendam às reais dificuldades dos alunos e que sejam respeitados e valorizados mediante o ritmo de cada aluno.

Deve ser levado em consideração, o tempo de descobertas, de construção de hipóteses, de despertar o interesse de cada menino e menina do grupo. Crianças identificadas com seu grupo de origem e que são diferentes entre si têm grande potencial de troca e de enriquecimento na turma, trazem uma bagagem, uma forma de pensar e viver o mundo, um olhar para as questões desenvolvidas em sala de aula que acabam por ampliar as referências umas das outras (BRASIL, 2012, p. 21).

Os alunos que estão em processo de alfabetização possuem diferenças individuais de níveis de conhecimentos, ou seja, níveis de aprendizagens no sistema de escrita alfabética, de acordo com os estudos da psicogênese da escrita (citados na seção anterior). Cada criança terá níveis de aprendizagem diferenciados, até mesmo numa mesma sala de aula, então, o nível de cada aluno vai depender de sua experiência em relação aos usos da linguagem, formando modos particulares de socialização da aprendizagem da linguagem escrita, pois as crianças criam e recriam hipóteses, no período de alfabetização.

Para Becker (2001), o processo de construção das estruturas cognitivas do sujeito é individual e ao mesmo tempo é realizado de forma coletiva. A diferença entre os indivíduos deve-se à qualidade do meio físico ou social e à qualidade das estruturas prévias dos sujeitos. Por essa razão que o trabalho do professor alfabetizador exige a sensibilidade de agir e pensar na progressão dos níveis de aprendizagem dos alunos, fazendo-os refletir sobre escrita alfabética.

Em seguida, tecemos alguns comentários sobre o trabalho do professor e como sua profissão perpassa por relações de ensino teórico e prática e que manifesta-se na práxis educacional, revelando uma trabalho social carregado de objetivos, intenções, finalidades e conhecimentos de si e do outro, refletindo a construção e os usos do conhecimento diante da diversidade de aprendizagem em sala de aula.

2.3 O Professor alfabetizador e seus modos de agir

No final do século XIX, que aconteceram mudanças conceituais em torno do ensino da língua escrita, uma vez que a aprendizagem da linguagem escrita é um processo natural do ser humano. Contudo, o ensino da linguagem escrita na alfabetização circula em torno da mediação do professor, alfabetizador. E o processo de ensino/ aprendizagem em sala de aula depende de vários fatores, desde características pessoais, a fatores de experiências com a língua entre aluno/professor.

Como consequência desses domínios, que se tornou evidente, a preocupação com os métodos de ensino. Durante décadas duas vias metodológicas foram consolidadas no ensino, os métodos sintéticos, que priorizavam o valor sonoro das letras e sílabas (a soletração), e os métodos analíticos que começaram a considerar a realidade psicológica da criança, partindo da compreensão da palavra escrita, para chegar ao valor sonoro de sílabas e grafemas (SOARES, 2018).

A realidade de nossas escolas apresenta quão variada são as experiências de aprendizagem extraescolar. O ensino deve construir pontes, para valorizar o aprendizado dos alunos, sem homogeneizar saberes, mas potencializar as diversidades de níveis de aprendizagem em sala de aula. O docente tem como objeto de trabalho, o ser humano, por essa razão, necessita contar com uma participação dos alunos, como o centro das estratégias de motivação em sala de aula, esse fator pode desempenhar boa parte do ensino (TARDIF 2008).

São através das estratégias de ensino que os conteúdos disciplinares tornam-se mais acessíveis aos alunos. É necessário que o professor conheça alguns métodos de ensino, que possa refletir sempre em suas possibilidades e seus desafios em sala de aula. Assim, ressaltamos a importância de diversificar as estratégias de ensino na alfabetização, utilizando situações que atendam os alunos nos diferentes níveis de aprendizagem sobre o sistema de escrita alfabética:

Quatro modos básicos de organização das atividades podem ser pensados: (1) situações didáticas em grande grupo; (2) situações didáticas em pequenos grupos (com e sem variação de atividades); (3) situações didáticas realizadas em duplas; (4) situações didáticas em que as atividades são realizadas individualmente (LEAL 2005, p. 91-92).

Nos três primeiros anos do ensino fundamental, período em que se espera a passagem da criança para alfabetização, o professor tem o papel de oferecer oportunidades para o desenvolvimento de práticas voltadas à alfabetização, uma vez que toda criança tem o direito de aprender a ler e escrever. As situações facilitam a apreensão dos conhecimentos conceituais em sala de aula, podendo tornar a aula prática e dinâmica, garantindo sucesso na progressão de aprendizagem dos alunos.

Segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa (BRASIL, 2012) o professor alfabetizador deve garantir a possibilidade real do desenvolvimento de práticas de alfabetização voltadas à inclusão e o respeito à heterogeneidade de aprendizagem dos alunos. o trabalho do professor alfabetização envolve diversos domínios e capacidades no ensino, tais como:

1. Encarar os alunos como pessoas que precisam ter sucesso em suas aprendizagens para se desenvolverem pessoalmente e para terem uma imagem positiva de si mesmos, orientando-se por esse pressuposto.
2. Desenvolver um trabalho de alfabetização adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos, acreditando que todos são capazes de aprender.

3. Reconhecer-se como modelo de referência para os alunos: como leitor, como usuário da escrita e como parceiro durante as atividades.
4. Utilizar o conhecimento disponível sobre os processos de aprendizagem dos quais depende a alfabetização para planejar as atividades de leitura e escrita.
5. Observar o desempenho dos alunos durante as atividades, bem como as suas interações nas situações de parceria, para fazer intervenções pedagógicas adequadas.
6. Planejar atividades de alfabetização desafiadoras, considerando o nível de conhecimento real dos alunos.
7. Formar agrupamentos produtivos de alunos, considerando seus conhecimentos e suas características pessoais.
8. Selecionar diferentes tipos de texto apropriados para o trabalho.
9. Utilizar instrumentos funcionais de registro do desempenho e da evolução dos alunos, de planejamento e de documentação do trabalho pedagógico.
10. Responsabilizar-se pelos resultados obtidos em relação às aprendizagens dos alunos (PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES 2001, p. 9).

Como apresentado, o professor deve desempenhar um papel ativo em sua prática em sala aula, ressignificando o seu papel e seus modos de agir para alfabetizar seus alunos. Por isso, o docente caminha por diversos meios para alfabetizar os seus alunos, assim como constrói um vasto conhecimento de e para sua prática.

O professor necessita trilhar um caminho em que ele seja capaz de compreender que a maioria das situações de produção do discurso oral e escrito é nova e estranha aos alunos na fase inicial da alfabetização e exige novas construções e organização do professor e da professora em sala de aula. Exigem, portanto, o domínio de práticas e métodos pedagogicamente ajustados aos contextos em que, para que e por que se aplicam. Exige ainda a capacidade de organizar seqüências didáticas específicas à apropriação do sistema de escrita alfabética, buscando, sempre que possível, incluir as práticas e usos sociais da nossa língua(SOARES 2005, p. 26)

Portanto, o profissional que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental, precisará dominar instrumentos necessários para o desempenho competente de suas funções e ter capacidade de refletir a própria prática, em função dos avanços de seus alunos em processo de alfabetização e o avanço acontecerá mediante situações desafiadoras em sala de aula. Conforme comenta Leal (2005), para o aluno aprender a ler e escrever precisa participar de situações desafiadoras, mediante situações de reflexão sobre a língua a partir de textos reais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros. Como também, as situações didáticas em grande grupo podem também gerar muitas aprendizagens, mas para

isso o professor precisa ficar atento quais são seus objetivos com aquele momento e o que está conseguindo desenvolver em cada aluno, mesmo que tenham níveis diferentes de escrita:

As situações em que o (a) professor (a) rege todo o grupo classe, realizando uma única atividade, são variadas e podem ter múltiplas finalidades. Muitas vezes, o (a) professor (a) quer que, naquele momento, todos os alunos desenvolvam determinados conhecimentos ou capacidades.(...)

Ressaltamos... a necessidade de que o(a) professor(a) saiba o que as atividades podem favorecer e participem com os alunos, mediando as relações entre os alunos e o objeto de aprendizagem – o sistema alfabético, de maneira que eles em alguns momentos possam estar aprendendo as mesmas coisas e, em outros, possam estar aprendendo coisas diferentes... (LEAL 2005, p. 92, 96-97)

Então, as estratégias didáticas em sala de aula podem assumir diversas finalidades, por essa razão são tão importantes, pois podem envolver os diversos níveis de aprendizagem dos alunos, favorecendo a participação de todos. Todavia, é necessária uma formação geral em nível de competências e de consciência de sua própria identidade profissional, conforme comenta Salgado (2000) sobre os deveres docentes:

Conhece bem os conteúdos curriculares, sabe planejar e desenvolver situações de ensino e de aprendizagem, estimula as interações sociais de seus alunos e administra com tranquilidade as situações em sala de aula. Conhece, aceita e valoriza as formas de aprender e interagir de seus alunos, respeita suas diversidades culturais e sabe lidar bem com elas, comprometendo-se com o sucesso dos estudantes e com o funcionamento democrático da escola que atua. Valoriza o saber que produz em seu trabalho cotidiano, empenha-se no próprio aperfeiçoamento e tem consciência de sua dignidade como ser humano e profissional. Compreende os fundamentos da cidadania, consegue utilizar formas contemporâneas de linguagem e domina os princípios científicos e tecnológicos que sustentam a produção da vida atual. Assim é um ser humano capaz de continuar aprendendo e um cidadão responsável e participativo, integrado ao projeto da sociedade em que vive, e ao mesmo tempo, crítico de suas mazelas (SALGADO 2000, p. 19).

Dessa forma, as atividades do professor em sala de aula exigem um comprometimento com o ato de ensinar, unidos a saberes pedagógicos, formando assim uma consciência profissional. Apesar de ser uma atividade de caráter prático, ela age em função de uma prática diária e uma base conceitual que gera em prol do ensino e do aprendizado. Conforme Tardiff e Lessard (2008), a docência aproxima-se das profissões, cujo trabalho cotidiano é burocratizado e onde as atividades que são realizadas acontecem de formas previsíveis, repetitivas e padronizadas.

A identidade profissional é definida pelo papel que exerce e pelo status que possui na organização do trabalho, uma vez contido nos diversos aspectos variáveis que permitem margens e interpretação e realização de suas tarefas principalmente em atividades de aprendizagem em sala de aula e em utilização de técnicas pedagógicas, como também organizam suas aulas em funções dos alunos:

Os professores organizam, então, a sequência de suas aulas em função dos conteúdos que vão apresentar aos seus alunos semana após semana, ou dia após dia. Esse planejamento está nas mais das vezes escrito e pode ser muito preciso: em tal aula, tal dia, tal matéria será dada, e assim por diante (TARDIF 2008, p.214).

Então, a organização das atividades é planejada em torno do conhecimento é através da experiência com esses momentos que os professores conseguem organizar seus tempos e espaços em sala de aula em prol do aprendizado de seus alunos. Logo, a rotina estabelecida em sala de aula é essencial para a criação de um ambiente alfabetizador dinâmico e envolvente a todos, sendo uma ação organizadora do trabalho do professor.

(...) a rotina é uma forma traduzir o planejamento prévio do formador que será muito mais detalhado e se organizará em torno das abordagens que irá escolher, das formas que utilizará para recuperar as leituras ou conhecimentos prévios dos professores, dos conceitos-chave que não pode deixar de trabalhar, da escolha de repertórios de recursos e atividades didáticas e da forma que escolhe para dinamizar e envolver os participantes (FRADE e SILVA 2006, p. 60-61).

A prática do professor é um trabalho impreciso, cheio de imprevistos. Por essa razão é preciso a obtenção de diversos conteúdos de ensino para oferecer aulas atrativas á participação dos alunos, principalmente o professor alfabetizador que, além de ter o conhecimento de diversos saberes, precisa dominar o ofício de alfabetizador de seus alunos, uma vez que a alfabetização perpassa por todos os conteúdos e todas as disciplinas de ensino. Então, o trabalho docente envolve desde conhecer o processo de alfabetização, até as práticas de intervenção didáticas:

(...) para exercermos nossas funções de professores (as)- alfabetizadores (as), é preciso que tenhamos muitos tipos de saber:
 (1) o que é alfabetização, articulando tal conceito ao de letramento, para garantirmos, de fato, a formação de alunos leitores e produtores de diferentes espécies de textos; (2) o que é esse objeto de ensino, a escrita alfabética, além de compreendermos o que é texto, gênero textual e termos concepção

clara sobre os princípios gerais que adotamos nos processos de ensino e de aprendizagem;

(3) quais são as hipóteses que os alunos elaboram e, conseqüentemente, o que sabem e não sabem ainda sobre a escrita alfabética, sabendo diagnosticar com clareza o grau de conhecimento que possuem sobre o sistema, além de conhecermos o grau de letramento¹ desses alunos e os tipos de evento de letramento de que fazem parte;

(4) os percursos que fazem na apropriação desse sistema e as estratégias de aprendizagem que utilizam, articulando a aprendizagem do sistema às aprendizagens gerais sobre o funcionamento da língua e sobre os textos;

(5) os tipos de intervenção didática que são utilizados para ajudá-los a percorrer esses caminhos, assim como as conseqüências dessas diferentes intervenções pedagógicas; (LEAL, 2005, p. 90).

Essas metodologias para o ensino constroem no ambiente escolar um espaço facilitador de aprendizagens, criando condições para que a sala de aula seja um espaço variável e flexível. Para Miranda (2000), o uso das cadeiras numa mesma disposição pode tornar atividades rotineiras, então, em cada tipo de atividade os alunos podem contar com diferentes lugares. Os cantos das salas podem estimular atividades diversificadas, com exposição de livros, revistas, materiais didáticos, jogos e demais materiais de apoio.

Jolibert (2006) comenta que os modos de trabalho do professor, deve favorecer condições facilitadoras de aprendizagem em sala de aula, por isso é importante reorganizar o ambiente de sala de aula, organizar de modo alternativo mesas e cadeiras de acordo com atividades, utilizar os cantos das salas como um espaço acolhedor, livre e dinâmico, utilizar as paredes como meio de valorização dos trabalhos das crianças e de ferramentas de organização social coletiva, proporcionar aos alunos contatos com diferentes tipos de textos, e por fim adotar uma pedagogia por projetos em sala de aula. A pedagogia por projetos dá sentido às atividades, que ganham significados pelas crianças, já que respondem á necessidades e são planejadas por elas.

Os projetos nascem das necessidades que surgem no dia a dia da sala de aula ou da escola; as propostas podem ser formuladas e reformuladas pelos alunos e pela professora. Finalmente, por meio de um projeto, os alunos reconhecem a escola como um lugar privilegiado onde se realizam aprendizagens significativas para eles, veem o professor como um facilitador da aprendizagem, que os ajudará quando surgirem dúvidas ou dificuldades, e veem seus colegas como parceiros com os quais é agradável compartilhar experiências e confrontar aprendizagens (JOLIBERT 2006, p. 34).

Diante dessa vivência num ciclo de reflexão sobre o como fazer e compartilhar das experiências em sala de aula, é criada uma rede de conversas, diálogos para o aprendizado de

todos, dando vida ao ato de ensinar e aprender. Ensinar é uma profissão que envolve certa tarefa, certa militância e certa especificidade no seu cumprimento. O processo de ensinar envolve também a paixão de conhecer o outro, numa busca pelo aprendizado (FREIRE 1997).

Esse perfil do professor alfabetizador é importante, pois além de mediar conhecimentos de todas as disciplinas para o ensino fundamental I, também auxilia a criança a dominar as convenções da escrita e da leitura, guiando-a para o desenvolvimento dos níveis da alfabetização. O professor precisa identificar e atuar de acordo com as diferenças individuais dos alunos, ao mesmo tempo planejar atividades que alcancem as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Logo, as crianças devem alcançar bases para a aprendizagem nas diferenças individuais.

Para minimizar as diferenças entre as crianças, será preciso reformular a concepção que temos de alfabetização, introduzindo sequências mais realistas nos exercícios de sala de aula, para que a cada nova atividade o professor volte no processo e reveja os conceitos de letra, sílaba, palavra, frase, ligação lógica entre as frases, pontuação e parágrafo, além de questões gramaticais que envolvam ortografia, discurso direto e indireto, propriedade do uso de tempos verbais, concordância, regência nominal e verbal e outros conteúdos que possam tornar os textos mais próximos da escrita convencional (ANDALÓ 2000, p. 81).

Na prática pedagógica, o docente deve ter a consciência de que tudo que for realizado nas atividades vai incidir sobre o grau de conhecimento dos alunos e vai seguir em consonância ao papel e à função da educação que temos.

Zabala (1998) faz uma reflexão a esse respeito, quando diz que os modos de agir do professor, tais como, organização da sala, tipos de incentivos aos alunos, expectativas de aprendizagem, os materiais utilizados e as decisões tomadas nas atividades, devem ser guiados por uma intensa reflexão rumo a que tipos de alunos queremos formar e o que queremos alcançar com o conhecimento e não apenas ser guiados por intuições, uma vez que as aprendizagens dependem das características singulares de cada um e essas correspondem às experiências vivenciadas nos dias a dia. Então, a atenção à diversidade de aprendizagem dos alunos deve ser o eixo estruturador da prática pedagógica.

É importante que se tenha em mente a natureza do trabalho educativo quando se pensa em introduzir mudanças no trabalho docente sem que elas tenham surgido dessa prática, pois é no contato direto com o aluno que o professor redefine o seu conhecimento, conferindo-lhe um significado. Todas as suas ações se orientam no sentido de estabelecer uma relação de apoio e confiança entre ambos, em busca do desenvolvimento total do aluno - e isto não pode ser definido a partir de decisões externas sem qualquer vínculo com aquela realidade. (...) O professor necessita de muito mais do que a intuição para proceder à reflexão sobre a sua prática: ele precisa estar

preocupado com o aluno mais do que com o conhecimento a ser transmitido, com as suas reações frente a esse conhecimento, com os seus propósitos em termos de ensino e aprendizagem e estar consciente de sua responsabilidade nesse processo (ALONSO 2003, p.14, 15).

Sendo assim, o trabalho do docente em sala de aula é de subsidiar resultados que considera necessário para a alfabetização, dentro de uma expectativa do ser e do fazer para o aprendizado de todos. No ensino não basta fazer definições sobre o que vai ser utilizado em sala de aula, exposição oral, escrita ou trabalho dirigido é necessário ter clareza da intenção de tais procedimentos utilizados com os alunos. E esse fazer educacional depende das concepções pedagógicas envolvidas no trabalho docente. Isso significa levar em consideração, o aluno e suas características particularidades, assim como os conhecimentos que está trabalhando com os alunos (LUKESI 1994).

A seguir apresentaremos a metodologia utilizada na pesquisa, explicitando os objetivos elencados para esse trabalho, os instrumentos que utilizamos na coleta de dados, como também os critérios de escolha da turma e da docente. É pertinente anunciar que, a escola em estudo foi uma escola Pública da rede municipal de Ensino de Garanhuns.

3 METODOLOGIA

Nesse capítulo apresentaremos os caminhos metodológicos que adotamos as escolhas e as escolhas para a pesquisa, a fim de encontrar perfil para atender ao perfil diante de nossos objetivos. Inicialmente destacamos os nossos objetivos de pesquisa, o tipo de pesquisa que adotamos, e a escola pesquisada. Em seguida a caracterização a escola, assim como o perfil da profissional da Docente.

3.1 Objetivos

3.1.1 Geral

Analisar o trabalho de uma professora alfabetizadora de uma Escola Municipal de Garanhuns, visando perceber se existe uma preocupação no atendimento à heterogeneidade da aprendizagem dos alunos.

3.1.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar as estratégias didáticas adotadas pela professora na tarefa de alfabetizar;
- b) Verificar se há ou não há um trabalho com a heterogeneidade de aprendizagem em sala de aula.

3.2 Tipo de pesquisa e formas de coletas de dados

A pesquisa realizada caracterizou-se como uma pesquisa do tipo etnográfica abordando o cotidiano da vida escolar, uma vez que a etnografia é a tentativa de descrição da cultura. Esse tipo de pesquisa se enquadra em nosso estudo, pois utilizamos de técnicas etnográficas como a observação, entrevista e análise de documentos, assim, podemos compreender determinada relação social e analisar aspectos da realidade cotidiana que permeiam no âmbito escolar, mais especificamente, em sala de aula.

A pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade (ANDRÉ 1995, p.25).

Para coletar as informações foi necessária a utilização dos seguintes instrumentos: observação e entrevista semiestruturada. Esses procedimentos nos possibilitaram uma aproximação direta com a cultura do fenômeno estudado, oportunizando-nos a compreender melhor o objeto em estudo. Como aporte metodológico, adotamos a análise de conteúdo, intencionando, a partir de Bardin (1977), visando expandir a compreensão e interpretação, elaborando inferências a partir dos dados coletados.

3.3 Critérios de escolha da Turma e Docente

A intenção da pesquisa foi realizar observações em uma turma do 2º ano, do ciclo de alfabetização. Escolhemos uma turma de 2º ano por considerarmos que nessa turma a heterogeneidade dos conhecimentos dos alunos sobre a escrita possivelmente é mais evidente

quando comparado a uma turma do 1º ou 3º ano, do ciclo de alfabetização. Numa turma de 1º ano é provável que a maioria dos alunos estejam na aprendizagem inicial, assim como no 3º ano é esperado que a maioria já esteja consolidando a aprendizagem sobre a escrita. Dessa forma, pudemos contar com a participação de um docente do 2º ano e sua respectiva turma.

O critério adotado na escolha do docente colaborador foi o vínculo institucional, uma vez que desejamos acompanhar um professor efetivo da rede. Em um primeiro momento realizaremos um contato da secretaria de Educação do município para que a mesma possa indicar um possível docente interessado em colaborar com a pesquisa. Durante dias esperamos e ao mesmo tempo procuramos entre os nossos colegas e conhecimentos docentes que tivessem o perfil de professor alfabetizador que atuasse no segundo ano do ensino fundamental e que comumente falamos “fosse bom na tarefa de alfabetizar”.

Cabe ressaltar que a nossa intenção de estudo era observar um professor que trabalhasse a heterogeneidade em sala de aula. Portanto se porventura, durante as observações a docente não trabalhasse essa característica, pediríamos desculpa e procuraríamos outra docente para encaixar nesse perfil.

Após alguns dias de procura encontramos uma professora, que em primeiro lugar, aceitasse participar de nossa pesquisa. Em seguida conversamos por telefone, para conhecer o lugar de atuação para depois fazermos uma visita. Após encontrar a docente para a pesquisa, fizemos uma visita a escola onde aconteceria a pesquisa, explicamos os objetivos do nosso estudo e fizemos o convite para a participação na pesquisa, oficialmente. Uma vez aceito o convite, agendamos os dias para coleta dos dados.

Em seguida, partimos para realizar observações de dez aulas, tendo como base que a alfabetização acontece em todas as aulas, por essa razão, nosso foco foi observar todos os dias consecutivos sem restrições de disciplinas. Vale ressaltar que estamos aqui denominando aula um turno integral de trabalhos (exemplo: 7h30 às 11h30 ou 13h30 às 17h30). A observação foi do tipo não participante, uma vez que não pretendemos intervir, de forma direta, no fazer docente e na vivência dos alunos.

Partindo da perspectiva que Lüdke e André (2012, p. 39) defendem, “os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador”. Os dados foram coletados entre os dias 13/11/2017 a 27/11/2017, totalizando dez aulas, seguindo sempre os nossos objetivos conforme segue o quadro abaixo.

Após o término das observações em sala de aula fizemos uma entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista se caracteriza pela flexibilidade do entrevistador

poder adaptar as suas perguntas no momento da entrevista (LÜDKE e ANDRÉ, 2012). Nessa entrevista, com onze perguntas, buscamos informações sobre suas compreensões acerca do seu trabalho em sala de aula como professora alfabetizadora e sobre o nível de aprendizagem atual da sua turma. As perguntas circularam entre: perfil de sua turma, planejamentos de aula diante da Heterogeneidade de aprendizagem? Dentre outras¹

3.4 CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES

3.4.1 Perfil da escola

A Escola é da rede Pública de Ensino de Garanhuns. O espaço da escola é um anexo situado em um Bairro considerado carente e de vulnerabilidade. A estrutura física é de uma casa. No início o funcionamento das turmas limitava em uma sala, dois quartos, uma cozinha e quintal. Recentemente o espaço passou por reformas, construindo mais salas de aula, totalizando seis salas de aula ao todo. O espaço para recreação e intervalo foi bem reduzido com a reforma tendo em média 5x5 h/b. Dependendo da situação do clima, os alunos ficam sem recreio.

A abertura dessa unidade no bairro foi visando à proteção da comunidade, diante das vias de trânsito no local e o atendimento educacional próximo às extremidades domiciliares dos alunos.

Atualmente a escola possui sete salas de aula, duas sem aula, pois se encontra em estado crítico, uma pequena varanda, onde os alunos esperam para tocar o sinal, sala da coordenadora (pequena), sala de professores (pequena), cozinha e as demais salas.

Oferece o atendimento em dois turnos de aula, matutino e vespertino, com atendimento da educação infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. A escola não tem biblioteca, os livros disponíveis ficavam em um armário nas salas de aula. A sala de coordenação era aproveitada como sala de estudos e reforço escolar. Infelizmente a escola não dispõe de jogos manipuláveis para os alunos.

Ficou evidente a participação de toda equipe pedagógica da escola, em prol de melhorias na escola e no ensino. A participação efetiva da Coordenadora Pedagógica em auxiliar as Professoras em dificuldades diante dos projetos didáticos. Houve momentos que sugeriu dicas para melhorar o ensino, incentivava as professoras para formações continuadas e

¹ Conferir anexo: Roteiro de entrevista

frequentemente comunicava sobre o andamento dos projetos e das participações dos alunos nas aulas. Todos os dias foram percebidos o auxílio da Coordenadora, em sua sala, como suporte de reforço escolar para os alunos, auxiliando as docentes.

3.4.2 Perfil da Docente

A Professora é formada em Normal Médio, tem formação em licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, Unidade acadêmica da Garanhuns-UAG. Com especialização em Neuropsicopedagogia (2017). Hoje está estudando Licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual de Pernambuco-UPE. Seu tempo de atuação em sala de aula é de dez anos na rede pública, com quatro anos de atuação em creche e seis no ensino regular.

3.4.3 Característica da sala de aula

A turma pesquisada era formada por vinte e oito (28) educandos. Com relação à faixa etária: cinco tinham entre 7 a 8 anos. Dois dos alunos tinham deficiência, mas apenas um deles com laudo médico.

As carteiras ficavam expostas em fileiras, devido ao espaço da sala de aula que pouco permitia a passagem entre os espaços entre as cadeiras. Quando havia formação de grupos havia momentos que grupos ficavam com as carteiras próximas ao quadro negro. E quando faltavam alunos retiravam algumas carteiras para deixar o espaço livre em sala. Tinha pouca ventilação e iluminação natural.

Na sala de aula estavam exposição dos registros de atividades, trabalhos, prêmios e passeios dos alunos, assim como fotos do prêmio que uma das alunas ganhou, de melhor desenho de um Projeto Pedagógico. Durante a pesquisa, a frequência dos alunos nas aulas circulava entre 19 a 23 alunos. A maior quantidade de alunos era de meninos, com faixa etária entre 7 a 8 anos, tinha dois alunos com deficiência, mas só um com laudo médico. Conforme conversa informal a docente falou que o nível do sistema de escrita dos alunos circula entre o silábico, silábico alfabético e o alfabético.

Eram constantes brigas entre os alunos, não por falta de atividades, mas por domínios e poderes em sala de aula.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Caracterizações da Prática Pedagógica

Nesta seção, falaremos sobre a prática pedagógica do nosso sujeito de pesquisa, com foco no ensino do Sistema de Escrita Alfabética – SEA, apresentando os dados obtidos nas dez observações realizadas em turno integral caracterizando a rotina da professora. Para tanto, sistematizamos no quadro abaixo as atividades trabalhadas pela docente nos dias observados, assim como a rotina encontrada em sala de aula.

Quadro nº 1: Atividades trabalhadas nas aulas observadas

Aulas/data	Atividades
01 13/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> - Organiza a sala de aula com a ajuda dos alunos; -Ficha de Atividade, criada pela docente, de uma caça-palavras- com brincadeiras escolhidas pelos alunos em aula anterior; -Trabalho de reflexão acerca de conceitos, regras e princípios gerativos (como ortografia, pontuação, concordância); -Atendimento individual da atividade de caça palavras, atendimento diferenciado para a Heterogeneidade; -Direcionamento coletivo, explicando conteúdos a todos; -Ficha de atividade de Matemática sobre problemas; -Construção de um livreto com ilustrações dos alunos: o “Projeto Ondas da leitura”; -Momento de leitura cantada: Leitura do livro: As férias de Terezinha de Rouxinol do Rinaré; - Ficha de atividade para casa de Matemática sobre sistema de medidas (diagnose da docente da Prova Brasil).
02 14/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> -Correção individual da atividade de casa; -Direcionamento individual, explicando e corrigindo a atividade de casa a alunos com mais dificuldades; -Ficha de atividade de ilustração da música, a canoa virou, para ilustração do livro (projeto ondas da leitura); -Ficha de atividade para classe de Matemática sobre resolução de problemas; -Direcionamento coletivo da atividade; -Momento de leitura cantada: Leitura do livro: As férias de Terezinha- de Rouxinol do Rinaré; -Correção da ficha de atividade em classe (chama alunos para correção no quadro); -Vistos nos cadernos; -Ficha de atividade para casa de matemática sobre resolução de problemas, com direcionamento coletivo.
03 16/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> - Organiza a sala com ajuda dos alunos; -Ler a cantiga de roda “peixe vivo” cantada em sala de aula; -Faz reflexões sobre os sinais de pontuação da música;

	<ul style="list-style-type: none"> -Ficha de atividade em sala de Português sobre interpretação de texto (livro de Adson2 Vasconcelos); -Direcionamento coletivo, explicando conteúdo; -Direcionamento individual a aluno com dificuldade de leitura da atividade, atendimento a Heterogeneidade; -vistos nos cadernos; -Ler livro a pedido de uma aluna (“A semente da verdade”, de Fernando Brandão); - Momento de leitura cantada: Leitura do livro: As férias de Terezinha- de Rouxinol do Rinaré - 1 ° ed. Fortaleza. Editora IMEPH, 2013(Projeto “Nas ondas da leitura3”). -Correção, individual e coletiva da atividade de casa; -Atividade para casa, escrita no quadro de matemática sobre problemas.
04 17/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> - Organiza sala com ajuda dos alunos; - Leitura da música caranguejo; -Canta com os alunos: a cantiga de roda caranguejo com apoio do instrumento de som; -Ficha de atividade de classe matemática sobre sistemas de medidas, com utilização de régua; -Conversa com os alunos sobre o processo de confecção de livros; -Momento de leitura cantada com apoio o som: Leitura do livro: As férias de Terezinha- de Rouxinol; -Ficha de atividade sobre problemas matemáticos; -Direcionamento individual e coletivo; -Confecção dos alunos da capa do livro (Projeto ondas da leitura); -Ficha de atividade de caça palavras com aumentativo.
05 20/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> -Organiza a sala com a ajuda dos alunos; -Vídeo explicando o processo de construção do livro. -Direcionamento coletivo, explicando conteúdo aos alunos; -Votação sobre o nome da editora do livro, solicita opinião de todos os alunos; -Produção textual coletiva da apresentação para a confecção do livro; -Correção individual e coletiva dos textos construídos pelos alunos; -Trabalho de reflexão acerca de conceitos, regras e princípios gerativos (como ortografia, pontuação, concordância); -Reforço escolar para um dos alunos com dificuldade na leitura, atendimento a heterogeneidade (Coordenadora escolar); -Atividade diferenciada de escrita com atendimento a Heterogeneidade; -Leitura do livro menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado; -Explicação de como utilizar instrumentos de pesos e medidas; -Ficha de atividade para casa, sobre medidas de comprimento. -Direcionamento coletivo da atividade.
06 21/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> -Organiza a sala com a ajuda dos alunos; -Conversa com alunos sobre a escrita do texto para o livro; -Direcionamento coletivo, explicando atividade a todos os alunos; -Formação de grupos para a atividade dando prioridade a Heterogeneidade de níveis na produção de texto; -Produção textual em grupos: construção de texto escrito em cartaz pelos alunos em estrutura de sinopse, em cartolina para exposição na escola;

2 Livro do Acervo individual da Docente.

3 Projeto ondas da leitura: proposto pela editora IMEPH tem o objetivo de mobilizar escolas e famílias no estímulo de formação de alunos leitores e escritores. Projeto tem o intuito de construir em parceria com autores, ilustradores, Secretarias Municipais de Educação, Professores, Gestores, Coordenadores Pedagógicos, Pais e Alunos. Mais informações em: <http://imeph.com.br/>

	<ul style="list-style-type: none"> -Correção em grupos dos textos; -Trabalho de reflexão consciente acerca de conceitos, regras e princípios gerativos (como ortografia, pontuação, concordância); -Desenhos no cartaz conforme desenhos dos livros que ilustraram.
07 22/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> -Organiza a sala com a ajuda dos alunos; -Finalização dos cartazes com correções das sinopses para apresentação na escola; -Conversa com os alunos sobre como será a apresentação os cartazes; - Momento de leitura cantada com apoio o som: Leitura do livro: As férias de Terezinha- de Rouxinol do Rinaré; -Solicita aos alunos a exposição dos trabalhos nas salas de aula; -Direcionamento com a oralidade das crianças nos grupos; -Ficha de atividade em sala de matemática sobre com formas geométricas.
08 23/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> -Organiza a sala com ajuda dos alunos; -Relembra figuras geométricas (planas e não planas); -Formação de grupos para a atividade de construção de atividade, com massa de modelar, com formas geométricas para o projeto Tarsila do Amaral4 ; -Momento de leitura cantada com apoio o som: Leitura do livro: As férias de Terezinha- de Rouxinol; -Atividade em sala de Matemática sobre a obra de Tarsila do Amaral; -vistos nos cadernos; -Correção coletiva da atividade de Matemática em sala;
09 24/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> -Organiza a sala com ajuda dos alunos; -Ficha de atividade de Matemática em sala de aula sobre sistemas de medidas; -Direcionamento individual e coletivo da atividade; -Exposição dos trabalhos da sala da atividade em cartaz; -Atividade de sala de aula caça palavras com aumentativo e diminutivo; -Direcionamento coletivo, explicando atividade a todos; -Atividade de Matemática, do livro didático da turma, sobre formas geométricas.
10 27/11/2017	<ul style="list-style-type: none"> -Organiza a sala com ajuda dos alunos; - Leitura do livro “No céu, na terra e no mar” de Arlene Holanda; - Ditado com imagens com palavras do livro; -Direcionamento coletivo, explicando atividade a todos; -Correção do ditado coletivo; -Escreve errada uma palavra e pergunta aos alunos como fazer a escrita da palavra; -Ficha de atividade em sala de aula de Português sobre o emprego do LHE, CH, NH do livro de Adson Vasconcelos; -Trabalho de reflexão acerca de conceitos, regras e princípios gerativos (como ortografia, pontuação, concordância) visando a Heterogeneidade de aprendizagem; -Direcionamento coletivo da atividade com consciência fonológica; -Momento de leitura cantada: Leitura do livro: As férias de Terezinha- de Rouxinol do Rinaré - 1 ° ed. Fortaleza. Editora IMEPH, 2013(Projeto “Nas ondas da leitura)”. -Correção coletiva e individual da atividade em sala; -Atividade para casa de Matemática sobre problemas do livro da turma, Projeto Buriti.

Como mencionado no quadro das atividades, a docente tinha uma rotina pré-estabelecida, na qual alguns momentos/atividades aconteciam de forma frequente. No início

4 Projeto Tarsila do Amaral pretende tornar compreensível aos alunos herança cultural, a partir de obras de arte.

da aula não tinha momentos para oração ou até mesmo hinos. Seguiu logo com atividades, recolhendo os cadernos dos alunos. Ao entrar na sala, já com a presença dos alunos, a docente a organizava as cadeiras, retirava as cópias das atividades e pegava algum material necessário para a aula. Após a organização da sala, eram recolhidos os cadernos para as atividades em sala. Geralmente com explicação prévia sobre a atividade em sala. Nas atividades de casa, foram frequentes as perguntas sobre o nível de dificuldade e se tiveram ajuda de algum adulto.

A leitura de obras literárias era uma das atividades mais presentes no dia a dia dos alunos. Foi constatada em oito, das dez aulas observadas (aulas 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, e 10). Na ocasião toda a rede de ensino vivenciava o Projeto Ondas da Leitura, na qual tinha como orientação aos docentes a leitura e exploração de obras literárias. Em todas as aulas, a docente deixou livros à disposição dos alunos, incentivando à leitura e a pesquisa.

Além do Eixo da Leitura pudemos acompanhar o desenvolvimento de atividades que exploravam os demais eixos. Na produção textual, houve alguns momentos em que a professora solicitou a escrita de textos, dentro de um projeto em que a turma estava vivenciando (aulas 5, 6 e 7). Na oralidade houve incentivos à participação em rodas de conversa e também momentos em que os alunos tinham que apresentar oralmente seus trabalhos (aula 7). Já o trabalho com a apropriação do sistema de escrita e outros conhecimentos linguísticos permeou todas as aulas. Foi visto a exploração dos sinais de pontuação (aula 4), do diminutivo e aumentativo (aula 9) e da consciência fonológica (aula 10) e até mesmo nas aulas de matemática (aula 2).

Em matemática, durante duas aulas aconteceu momentos envolvendo eixos como o sistema de numeração decimal, estruturas aditivas, com resolução de problemas; geometria e grandezas e medidas.

Sobre os recursos utilizados, a ficha de atividade foi a mais recorrente, presente em oito aulas (1, 2, 3, 4, 5, 7, 9 e 10). Ela foi utilizada tanto nas aulas de português como de matemática. Outros recursos foram menos utilizados, mas estavam presentes, tais como objetos concretos para trabalhar matemática (aula 8) e o livro didático (aulas 9 e 10).

Geralmente as atividades passadas foram retiradas de livros particulares da docente, de acordo com a docente o livro fornecido pela prefeitura já havia concluído e por isso trazia atividades de outras fontes ou diferenciadas, como também retirados da internet. O caça palavras, de acordo com a docente, foi uma atividade recorrente em sala de aula, pois acalmava os alunos e atingia o nível de todos.

O reforço escolar era designado para alunos na fase inicial da escrita, conforme apresentado na aula 5 a docente escolhia os alunos que precisavam de reforço. No momento a Coordenadora escolar chegou à sala de aula e perguntou quem da sala, ela iria acompanhar no reforço, então a docente sugeriu um dos alunos da turma. Em seguida ela falou que ele estava bastando atrasado diante dos demais, no processo de alfabetização. Esse aluno sempre solicitava que a professora mudasse a forma das letras no quadro, assim ele escrevia mais rápido.

O tempo médio designado a cada atividade era em torno de uma (1) hora 20 minutos. Durante as atividades a docente passava individualmente corrigindo e tirando dúvidas dos alunos. Em um dos dias pediu para um aluno ajudar o outro com dificuldade, uma vez que durante o tempo designado não tinha feito toda a atividade. Era recorrente, a docente solicitar que o aluno que terminasse primeiro a atividade, ajudar o outro, muitas vezes eles ajudavam mesmo sem a solicitação da professora.

Mesmo com atraso de alguma criança, a docente só fazia a correção quando todos terminavam atividade, em seguida corrigia. Em todo momento solicitava que os alunos prestassem atenção à atividade e adiantassem para dar tempo para realizar a correção coletiva. A correção das atividades também acontecia individualmente.

A docente passava nas cadeiras corrigindo, dando o visto nos cadernos e também coletiva, chamando os alunos para correção no quadro. Alguns alunos se negaram a ir e ela chamava outros alunos. Em três ocasiões alunos com dificuldade na leitura foram ao quadro e a docente deu suporte na escrita, fazendo-os refletir na escrita e som das palavras. O atendimento no birô aconteceu durante dois dias em nossas visitas, tendo em vista problemas de saúde da docente, nesses períodos ela relatou as crianças sobre o problema de saúde e pediu pra elas mostrarem os cadernos para dar orientações no birô, fato que durante os outros dias das visitas não tinha ocorrido.

A docente não tinha um tom de voz alto, mas, quando ela falava os alunos de imediato paravam suas conversas e davam atenção. A professora esperava que todos os alunos escrevessem a tarefa no caderno para continuar. Durante duas aulas ela modificou a letra para atender aos alunos com dificuldade.

Durante as dez aulas, a docente esteve engajada em dois projetos: “Nas Ondas da Leitura” e “Artista na Escola Tarsila do Amaral”. No projeto Nas Ondas da Leitura foi vivenciado em 7, das 10 aulas observadas. As atividades versavam entre as leituras cantadas do livro do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), a ilustração de cantigas de roda, produção textual, escolha livre de títulos para o trabalho e apresentação dos trabalhos dos

alunos. E no projeto “Artista na escola”, por meio da obra Tarsila do Amaral, as crianças fizeram uma interpretação de uma obra e com massa de modelar e palitos fizeram desenhos geométricos para montagem de um painel para exposição.

Durante as observações as crianças estavam organizadas em fileiras, tendo em vista o espaço da sala de aula (não tinha espaço para outras organizações). Durante três aulas foram feitos grupos de até 6 crianças. O critério da formação de grupos foi a heterogeneidade dos alunos. Momentos de formação da atividade para um trabalho de escrita de um texto para exposição do cartaz, certo momento um aluno reclamou sobre a configuração do grupo e a docente exigiu que um aluno ajudasse o outro, pois todos estavam ali pra aprender e que todos ajudavam. Foi observado maior suporte da docente nos grupos com diferentes níveis.

Nas atividades de leitura, ela lia a atividade para todos, e perguntava se todos estavam entendendo. Durante quatro aulas modificou o formato da letra para atender a alunos com dificuldade. Em duas aulas, o aluno fez o pedido pela mudança da letra. No momento da leitura no quadro da atividade, fez a leitura buscando a percepção dos alunos dos sons das letras.

Nas atividades textuais ela sempre deixou as crianças para criarem seus próprios textos e oferecia livros para os alunos terem como modelo. Nos momentos de pintura e composição dos textos também aconteceu da mesma forma. A docente também levou livros de literatura infantil para as crianças buscarem como base e também abriu espaço na aula para leitura de um livro da aluna. Na correção coletiva ela indagava sobre a forma correta de leitura e escrita da palavra.

Os alunos apresentavam gostar bastante do momento da leitura cantada do livro de Teresinha, quando a docente demorava a ler, todos os alunos pegavam os livros e solicitava a leitura, como uma rotina criada pelos alunos. Em todos os dias, a leitura e a escrita foi o rumo central da aula. Mesmo nas atividades de matemática, ela priorizava a alfabetização e em todo momento circulava pela sala de aula, auxiliando os alunos.

Como podemos perceber que o currículo proposto em sala de aula, nasceu do cotidiano vivenciado em sala de aula e de acordo com as necessidades vivenciadas pelos alunos com o objetivo de desenvolver as habilidades para leitura e escrita, como também fazer os alunos compreender a função social da escrita e leitura de acordo com os princípios do sistema de escrita explorados docente. Conforme presenciamos na aula 1, na qual a atividade criada pela docente nasceu mediante as brincadeiras vivenciadas pelas crianças. Assim, de forma geral, ficou clara a adoção de uma concepção dos princípios de aprendizagem e ensino apontados por Leal (2005), entre eles a necessidade de o professor alfabetizador sabe

diagnosticar o grau de conhecimentos sobre a escrita dos alunos e criar percursos, caminhos e estratégias de aprendizagem do sistema de apropriação e funcionamento do sistema de escrita.

Os tipos de intervenção utilizados foram diferenciados para ajudar os alunos a percorrer o caminho da construção de saberes, trazendo reflexões sobre os usos e práticas da escrita. Como apresentado no quadro, a docente segue uma rotina fixa diária, apesar de sempre ser em momentos diferenciados.

É comum a vivência de atividades, tais como fichas de atividade, correção individual, correção coletiva, leitura cantada, atividade de escrita e atividade para casa. Logo, a rotina estabelecida em sala de aula é essencial para a criação de um ambiente alfabetizador dinâmico e envolvente a todos. Frade e Silva (2006) ratificam que a rotina é ação organizadora do trabalho docente e ao mesmo tempo uma forma de traduzir o planejamento e seus objetos de ensino demonstrados em repertórios e atividades didáticas.

A rotina é de suma importância em sala de aula, pois é uma forma de conduzir as aulas sem perder os focos do ensino/aprendizado, trazendo a tona a renovação de ações mesmo como mesma temática dinamizando e envolvendo a todos nos trabalhos.

Tomamos como aspectos positivos, da prática docente em estudo, o fato de que ela trabalha construindo interações e respeito entre todos, pelo fato de corrigir e orientar reflexões sobre a escrita e a leitura de forma individual e coletiva. Assim, construindo um elo de igualdade na rotina que alcança todas as crianças.

Portanto, certas rotinas e formas de interação escolares vão ser muito importantes para garantir maiores oportunidades de desenvolvimento da linguagem, em igualdade, para todas as crianças da classe, como a hora da rodinha, o canto do livro, a hora da história, o canto do faz-de-conta ou do teatro, as cantigas e outras brincadeiras com a linguagem, como por exemplo, trava-línguas e parlendas, além do diálogo efetivo nas interações de sala de aula, ao invés do padrão ordem/instrução + resposta ou ação prevista + avaliação (ROXO 2006, p. 21).

Em nosso caso, a docente através do uso das cantigas de roda uma forma de garantir o desenvolvimento da linguagem de todos. Ao mesmo tempo fazia um envolvimento da ação que todos os alunos participavam sem exceções e muitas vezes antes da docente fazer a sugestão, os alunos já estavam esperando por esse momento de leitura na aula. Como apresentamos no quadro, esse momento aconteceu nas dez aulas, aparentemente sendo atrativo a todos os alunos, sem restrições nas participações.

Tendo em vista que o processo de alfabetização percorre entre todas as disciplinas, uma vez que a apropriação da leitura e escrita é uma ação permeável no ensino, se faz necessário à exploração das diversas áreas do conhecimento. Conforme saliente Alonso

(2003), o professor tem que se colocar numa busca constante para compreender os objetivos possíveis para o encaminhamento de suas ações. Então, esses caminhos para o ensino/aprendizado deverá ser voltado para os diversos conhecimentos.

As atividades e os momentos mais frequentes eram aqueles que exploravam Língua Portuguesa e Matemática, mas também foi possível encontrar intervenções na área de Artes (exemplo: aulas 1,2, 3, 4, 6 e 8). As demais áreas de conhecimentos não foram trabalhadas e sentimos a falta destas no ensino.

Ficou evidente a ausência das outras disciplinas curriculares no ensino. É importante o ensino das demais disciplinas na formação dos alunos e são importantes no ciclo de alfabetização. Todavia, nenhuma área de conhecimento pode ser superior a outra, pois a alfabetização percorre em todas as disciplinas e saberes. Mesmo estando no final do período letivo escolar, a prática interdisciplinar poderia estar mais presente, pois tem conhecimentos que derivam de outras áreas e devem ser trabalhadas em igual valor de importância.

A própria linguagem desempenha papel central, como elo interdisciplinar, entre as áreas de conhecimentos. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013), a interdisciplinaridade implica elos entre métodos de disciplinas e a transversalidade de conhecimentos de diferentes áreas. Então, cada disciplina gera suporte a outros conhecimentos, unificando como amalgama para provocar a aprendizagem.

O trabalho docente deve ser diversificado nas diversas áreas, uma vez que cada disciplina do currículo tem importância na prática em sala de aula do ciclo de alfabetização. A inclusão de projetos é uma forma de tratar o conhecimento de forma interdisciplinar em sala de aula e produzem significados na aprendizagem das crianças.

Durante os dez dias, foram vivenciados projetos em sala de aula, nesses momentos as crianças construíram livremente suas próprias propostas de criação das obras, ficou claro a mediação da docente nas atividades. Esses momentos deixaram clara a importância da vivência de projetos em sala de aula, conforme Jolibert (2006) aponta que a pedagogia por projetos dá sentidos às atividades e ganham significados pelas crianças, uma vez que nascem das necessidades que surgem no cotidiano escolar, ao mesmo tempo dá oportunidades às crianças reconhecerem a escola como um espaço produtivo para aprendizagens significativas e compreendem o papel de todos em sala: o professor como facilitador da aprendizagem, o colega como parceiros na aprendizagem e se veem como atores da aprendizagem. Assim poderá ser criada uma visão de aprendizado, reflexão, diálogos, conversas e construindo a noção da aprendizagem significativa em sala de aula.

4.2 As estratégias de mediação adotadas pela Professora para lidar com a Heterogeneidade de nível de conhecimento em relação a Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética – SEA

Nesta parte da análise, discutiremos as estratégias didáticas da professora para o atendimento à heterogeneidade da sua turma em relação à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. Ou seja, analisaremos a mediação adotada pela docente para lidar com esse fenômeno. A partir de nossas observações, identificamos que a nossa professora colaboradora utiliza ao menos quatro tipos de estratégias de mediação para de alguma forma diferenciar o ensino. São essas:

- 1) Direcionamento coletivo, explicando o conteúdo para todos;
- 2) Auxílio aos alunos, indo diretamente em suas bancas;
- 3) Realização de atividades diferenciadas buscando atender a heterogeneidade de aprendizagem, em estratégias de escrita ou oral;
- 4) Realização de atividade em dupla produtiva;

O quadro abaixo apresenta momentos/aulas. Essas estratégias foram utilizadas pela educadora.

Quadro nº 2: Estratégias de mediação adotadas pela docente para buscar diferenciar o ensino.

Nº de aula	Estratégias para o ensino
1º dia	Atendimento individual nas bancas dos alunos; Direcionamento coletivo de atividades; Atividade diferenciada-caça palavras atendimento a heterogeneidade
2º dia	Direcionamento coletivo nas atividades; Correção individual nas bancas dos alunos e coletiva nas atividades;
3º dia	Direcionamento coletivo de atividades; Correção individual nas bancas dos alunos e coletiva; Modificação de formato de letras para atender a Heterogeneidade de níveis (atendimento individual).
4º dia	Direcionamento individual e coletivo;
5º dia	Reforço escolar extraclasse com Coordenadora escolar com orientação da docente, somente para o aluno na fase silábico alfabética; Direcionamento coletivo, explicando atividades a todos; Correção individual

Temos como um dos objetivos, analisar a prática adotada pelo professor alfabetizador nesse trabalho. Então, buscamos compreender as estratégias de mediação adotadas pela docente na tentativa de diferenciar o ensino em sala de aula. Cabe-nos ressaltar nesse momento que é necessário o professor favorecer condições facilitadoras de aprendizagem aos seus alunos, criando alicerces de um trabalho de alfabetização, adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos, acreditando que todos são capazes de aprender (BRASIL, 2001). Então, partiremos nossa discussão sobre as ações realizadas pela docente durante as aulas, direcionando o nosso olhar para o **direcionamento coletivo nas atividades, em ações que explica o conteúdo para todos os alunos**. Cabe salientar nas transcrições que usaremos abreviações durante a conversa como Professor (**P**); Alunos (**A1**); Alunos com diferença de níveis de aprendizagem de escrita (**A2**). Será foco de análise a aula 3. Trouxemos um trecho da aula abaixo.

1) Direcionamento coletivo para todos os alunos

AULA 3

16/11/2017

A docente está lendo o texto sobre a cantiga de roda peixe vivo. Após a primeira leitura, a docente faz uma pequena dramatização sobre o texto. Em seguida, escreve no quadro a família silábica: XA, XE, XI, XO, XU, XÃO E CHA, CHE, CHI, CHO, CHU, CHÃO, em dois quadros distintos. Em seguida faz perguntas aos alunos.

P: E agora, a palavra peixe se escreve com ch? Ou não, com x? Vamos aluno J?(dar voz a aluno com diferenças de níveis de aprendizagem na escrita) eu quero ouvir agora sua voz.

A2: acho que com X tia.

P: muito bom, com X.

Em seguida, a docente ler as sílabas escritas no quadro, ao mesmo tempo faz o desenho de um peixe, dizendo:

P: Peixinho, pequenininho, eu diminuo o peixe e a palavra fica maior...! E Peixão para peixe grande, como eu faço a sílaba com o som do xão? Esse som do xão também pode ser com ch? Pode **A1**? (solicita a palavra da aluna)

A1: Não, tia! Tem que ser com o X.

A docente olhou pra a aluna e balançou a cabeça confirmando a resposta do aluno.

P: Tem palavra que vai querer “chão” e tem palavras que vai querer o som com xão, vai depender da palavra, você esta entendendo **A2**?(pergunta ao aluno).

A2: Estou sim tia.

P: O xão do som do peixão pede xão porque na palavra peixe se escreve com x, por isso se escreve assim, Peixe, peixinho, peixão (...).

Nesse momento da aula, a docente faz um direcionamento coletivo aos alunos, durante a explicação a docente faz perguntas a alunos de diferentes níveis, buscando a participação de todos os alunos. Fazendo no quadro a escrita da palavra, faz a classificação da família silábica do X em forma de bastão, faz o desenho do peixe e docente explica sobre a atividade a ser desenvolvida. Ficando evidente a preocupação da docente com as diferenças de níveis em sala de aula. Ao mesmo tempo, pergunta aos alunos sobre o entendimento deles sobre sua explicação.

Durante a explicação coletiva, no quadro acima, a docente explica mais de uma vez o texto, faz a leitura de forma pausada, explica pontos importantes na execução da atividade, com linguagem apropriada para atender a heterogeneidade. É um momento de intervenção que procura contemplar todos os alunos.

Diante dessa ação salientamos o que fala Leal (2005), que as situações didáticas em grande grupo podem também gerar muita aprendizagem, mas para isso o professor precisa ficar atento quais são seus objetivos com aquele momento e o que está conseguindo desenvolver a aprendizagem dos alunos, pois tais atividades deve favorecer a participação dos alunos em diversos níveis de aprendizados. Como ficou perceptível a intenção pedagógica em fazer com que os alunos compreendessem e refletissem sobre o uso do sistema de escrita, permeando o grande grupo, auxiliando assim os diferentes aprendizados em sala de aula.

A estratégia do trabalho coletivo ficou percebida a flexibilidade sobre a atenção aos alunos, importância às ideias e o acolhimento quando os alunos dirigiam até a docente. Observado a dificuldade do aluno chamava-os individualmente e em voz baixa, explicava como ela queria que fosse feito a atividade, geralmente dependendo do nível de aprendizagem os alunos procuravam menos pela ajuda da docente. Conforme Frade (2005) o professor tem que escolher estratégias de ensino para tornar os conteúdos disciplinares mais acessíveis aos alunos. Salientamos que essa ação tenha sido permeada na relação professor/alunos diante da proposta de ensino, quebrando a ação de dominador do conhecimento, para mediador o ato de ensinar.

Conforme comenta Alonso (2003), é importante que o docente tenha em mente a natureza do seu trabalho educativo, assim quando introduzir mudanças no seu trabalho é para conferir significados no ensino assim vai sendo estabelecido relações entre alunos e professor.

Percebemos essa prática como rotineira, em ouvir o que os alunos desejam fazer nas suas atividades, ou seja, a docente renova o seu conhecimento aceitando as sugestões dos alunos, uma vez mediados por ela, estabelecendo relações em sala de aula, principalmente de confiança. Leal (2005) comenta que o professor obtém diversos saberes que circulam entre o processo de alfabetização e as diferentes práticas de intervenção didática para chegar ao aprendizado dos alunos.

Em nenhum momento foi presenciada a falta de interesse da docente com alunos em diferentes níveis. Em todas as ações o tratamento era igual para todos. Ela buscava encontrar modos diferenciados para alcançar o entendimento a todos, mudando as formas de apresentar o mesmo conteúdo, mesmo ciente dos níveis de conhecimentos dos alunos. Então, enfatizamos o que comenta Leal (2005) que para um aluno aprender a ler e escrever precisa participar de situações desafiadoras, mediante situações de reflexão sobre a língua a partir de textos reais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros.

Situações em que os docentes trabalham com grupos em sala de aula podem assumir muitas finalidades para conseguir que os alunos desenvolvam seus conhecimentos e capacidades, logo a mediação entre os alunos podem esta facilitando o entendimento a diversas ações e conteúdos.

2) Realização de atividade diferenciada, visando a Heterogeneidade de aprendizagem

Durante as aulas também observamos que a docente fazia **atividades diferenciadas**, buscando atender a heterogeneidade de aprendizagem dos alunos, uma vez que o trabalho com a heterogeneidade deve coincidir com o respeito aos diferentes ritmos em sala de aula. Ao mesmo tempo garante que os alunos se vejam em igual valor aos demais e que podem assumir papéis relevantes nas atividades em sala de aula, conforme consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2013).

Segundo Leal (2005), o professor rege toda a turma, em uma única atividade pode ter múltiplas finalidades. Desse modo, pudemos constatar essa diferenciação no ensino em cinco aulas, quando atividade diferentes foram oferecidas aos alunos individualmente, buscando atender aos diversos níveis de aprendizagem. A seguir apresentaremos ficha de atividade na aula 3 e 6:

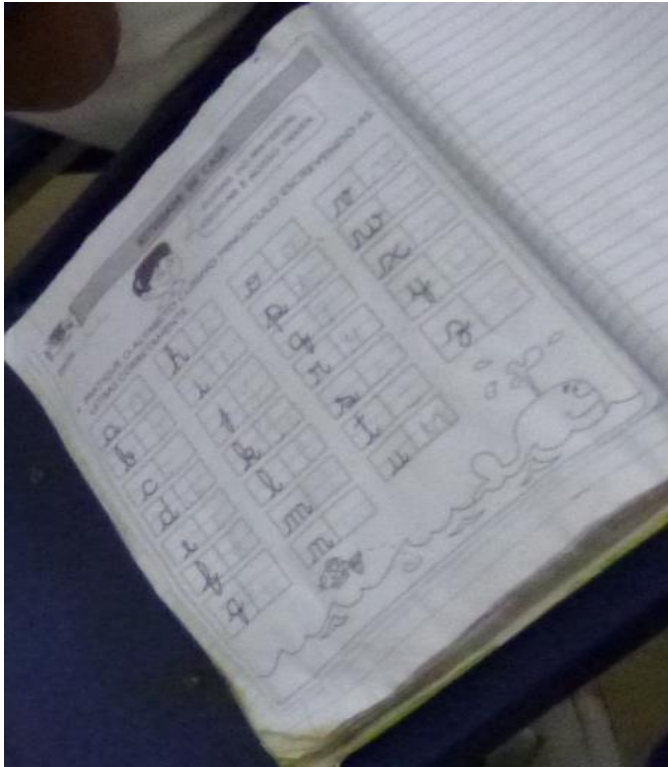


Figura 1. Aula 3- Ficha de atividade distribuída a um grupo de alunos para atender a Heterogeneidade níveis.

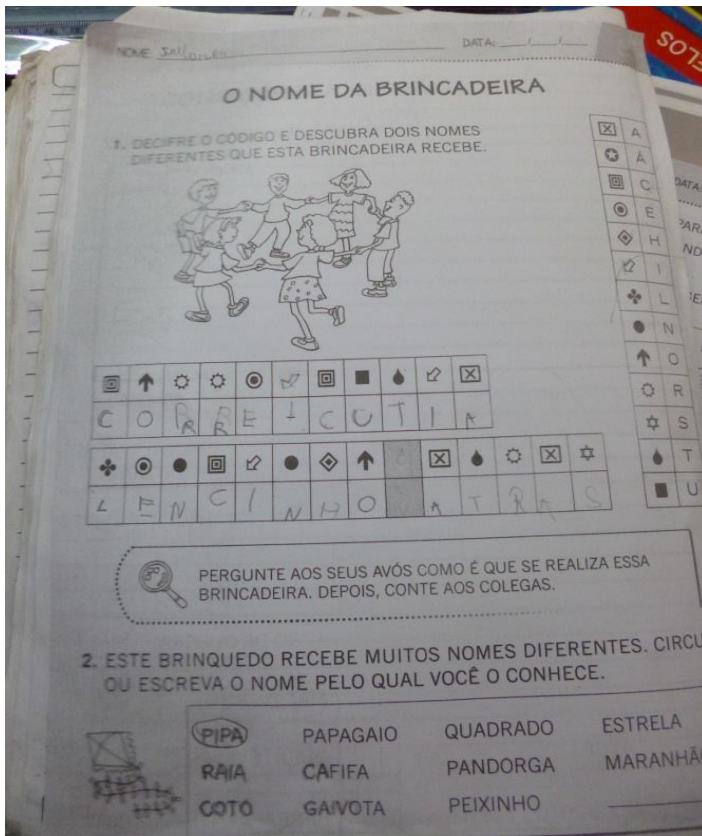


Figura 2: Aula 6 - Ficha de atividade para atendimento a Heterogeneidade

Nas atividades percebemos o trabalho com a coordenação motora fina na atividade 1. Para o atendimento de melhoramento escrita dos alunos com diferenças de níveis de escrita. Durante as aulas observamos que um aluno solicitava a docente que mudasse a escrita das letras para ele poder acompanhar a escrita junto com os demais alunos. A docente fez essa atividade diferenciada para atender a dificuldade do aluno. Morais (2012) comenta que para uma criança ter o domínio sobre o sistema de escrita alfabética, ela precisa compreender mentalmente as organizações sobre a linguagem escrita para estar alfabetizada. Uma dos domínios é compreender que as letras têm formatos fixos e que pequenas variações produzem mudanças na identidade da palavra.

Cabe-nos salientar, que outras estratégias poderiam ser trabalhadas para favorecer o avançar de fases da criança, como por exemplo, o uso de jogos agrupando os alunos conforme o nível de escrita. Leal (2005) comenta que o professor deve oferecer atividades que envolva a participação de todos os alunos, mediando relações entre o aluno e o sistema de escrita alfabética.

Corroborando com as ideias de Perrenoud (1999), que a heterogeneidade de aprendizagens dos alunos é o motor que rege a sala de aula. O desafio enfrentado pelo docente é reunir em uma mesma situação de aprendizado, alunos de diferentes níveis. No entanto, identificamos que diferenciar esse ensino não é tarefa tão fácil para o docente. É preciso de fato, conhecer bem a sua turma, as necessidades de cada um, propor agrupamentos produtivos, de modo que possa ajudar o outro e, sobretudo, buscar elaborar propostas de atividades que possam ser adequadas ao nível dos alunos. Isso seria um ensino ajustado.

No exemplo 2, a docente faz uma atividade que faz o aluno trocar desenhos por letras, faz os alunos e compreender os usos da linguagem escrita e oral. Na questão 1 da atividade, vem acompanhada com um bando de letras e desenhos onde o aluno tinha que procurar o símbolo e nos espaços encontrar a letra correspondente. Na questão 2 o aluno tinha que encontrar no banco de nomes da figura, o que fosse conhecido no cotidiano do aluno. Como marcado pelo aluno a palavra “pipa” a figura. Ao mesmo tempo a atividade propôs conversa com parentes sobre as brincadeiras tradicionais.

A docente buscou atender a diversidade de níveis em sala de aula, sem provocar discriminações entre os alunos com essa atividade e unindo alfabetização e práticas de letramento.

Em nenhum desses momentos ela deu respostas prontas às crianças, ao contrário, sempre buscou promover reflexões mentais sobre seus conhecimentos. Observamos também,

que as chamadas da docente com os alunos de diferentes níveis são frequentes, como uma forma de conter a atenção dos alunos e não ficar dispersos nas aulas, incluindo a todos.

A sala de aula é um espaço de construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento e na troca de experiências. Assim Moraes e Leite (2005) comentam que a partir de atividade em pequenos grupos é propiciado trocas de experiências, o que pode contribuir no compartilhamento de saberes, o levantamento de questões e respostas entre os alunos.

3) Trabalhos com duplas produtivas

As formações em sala das **duplas produtivas** procuram alcançar intenções. Segundo Salgado (2000) o professor deve valorizar as formas de aprender e interagir de seus alunos e deve saber lidar com situações em sala visando o sucesso das crianças.

Para a atividade a docente solicitou que alunos mais adiantados ajudassem os colegas com dificuldades, essa atitude aconteceu em duas das aulas, conforme apresentado um trecho a seguir.

Aula 3

16/11/2017

(A docente lembra aos alunos sobre o horário do término da atividade). Enquanto circula pela sala de aula, observa que alunos estão conversando, se aproxima deles e fala (chamando a atenção do aluno para a atividade de língua portuguesa):

P: Você já terminou sua atividade?

A1: Sim, tia.

P: Então, ajude seu colega J. com a atividade, que ele está sem entender. Olha aqui, fiquem juntos agora pra ajudar o colega na atividade (ler para os alunos, que agora dividem a mesma mesa de estudo) Vou colocando os probleminhas e vocês já vão escrevendo e logo tentando resolver a questão, lembrando que nomes de pessoas começam com Letra maiúscula. Carlos é nome de pessoa, então escrevam com letra maiúscula.

P: Agora, é pra explicar a atividade e não fazer por ele. Você explica e ele vai fazendo até conseguir fazer (...).

No caso da professora, ela solicita aos alunos por uma ajuda aos demais colegas, para fazer a atividade em duplas colaborativas. Ao mesmo tempo, ela sugere que o aluno facilite a atividade e não a que faça pelo colega. Nessa atitude, ela deixa claro que o que deve acontecer é a troca de conhecimentos diante da situação requerida. É o que Salgado (2000) comenta que o docente deve valorizar as formas de aprendizagem e promover a partir de interações entre alunos o comprometimento com o sucesso dos alunos.

Como falamos anteriormente, a docente explica a atividade solicitando o apoio do aluno. Dessa forma a docente facilitou a abertura para a diversidade de saberes em sala de aula. Assim, percebe-se o nível de consciência nas teorias de aprendizagem, sobre como as crianças aprendem. Diante desses conhecimentos, ela dar flexibilidade a atividade e ao seu próprio modo de ensino e aprendizagem com os seus alunos. Soares (2005) comenta que o professor necessita construir caminhos capazes de compreender situações de produção de discursos da linguagem oral e escrita, guiando os alunos o caminho da construção de domínios e práticas ajustados aos contextos a apropriação do sistema de escrita alfabética.

4) Apoio individual aos alunos

Um fator de suma importância nas aulas foi o auxílio aos alunos, indo diretamente em suas bancas para explicar os conteúdos aos alunos. Esse tipo de ação vivenciada em sala demonstrar o domínio práticas ajustados as reflexões sobre o agir do professor alfabetizador. Soares (2005) comenta que o professor alfabetizador constrói caminhos de conhecimentos sobre domínios e praticas sociais da língua, e que cada ação elaborada em sala de aula é algo novo ao aluno, por isso exige métodos e organização específica para o novo aprendizado.

Como vimos, a prática docente tenta explorar os conhecimentos dos alunos, o **apoio individual** nas bancas, demonstrando o favorecimento aos diversos níveis de seus educandos. Nesse momento, ela mostra a sua experiência em alfabetização, assumindo a tarefa de entender individualmente, os alunos em suas dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização (BRASIL, 2012). Conforme encontramos na aula 7 e 5 descrita nos quadros abaixo:

Aula 7

22/11/2017

A docente circula entre os alunos, verificando o andamento da atividade nas bancas dos alunos. Então, fica ao lado do aluno observando sua atividade. Após uns instantes, com o dedo indicador ler baixinho só para o aluno a atividade. Em seguida, explica como deve ser feito e solicita que refaça a atividade no caderno, dizendo:

P: Vamos agora fazer uma letra bem grande agora. (ler e corrige letras para o aluno perceber) então continua a leitura do texto elaborado pelo aluno.

P: Iremos apresentar esse trabalho para, (para a leitura e aponta para a letra do aluno) capriche que....

Em seguida continua a leitura: - Aqui olha a palavra toda.... Olha assim escreve e-s-c-o-l-a, escola, lá tem que fazer (...) aí sim ficou um texto bom, capriche na atividade, está de parabéns (...).

Esse tipo da prática docente se repete em outros momentos, seguindo a mesma ação. Chama o aluno, faz leitura da escrita, conversa e pede pra refletir sobre a palavra escrita, para então, partir para uma reescrita da palavra. Essa atitude da docente parecia ser algo rotineiro para as crianças, uma vez que os alunos diante de suas dúvidas, sobre qualquer assunto perguntava a docente sem receios, medo ou questionamentos da professora, mostrando o vínculo entre docente e alunos.

Essa é uma ação importante no ciclo de alfabetização, segundo o planejamento e rotinas apresentadas por documentos oficiais, como o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (BRASIL, 2012), para que o aluno compreenda a leitura de uma atividade de construção de sentidos é preciso conversar sobre o texto. A docente parecia nessa prática valorizar seus alunos dentro de suas particularidades individuais, sempre atenta às dúvidas e mediando aprendizado aos alunos. Como demonstrada na aula 5, no exemplo.

AULA 5

20/11/2017

Nesse momento a docente faz uma atividade escrita no quadro. Quando a docente terminou a atividade de escrita, cinco minutos após, alunos foram conversar com a docente sobre as ações de escrita do texto, em diálogo o aluno pergunta, chegando próximo do ouvido da docente:

A1: ô tia, esse é o modelo de texto é pra escrever no livro da história ou no caderno de Português?

P: esse é apenas um modelo. Não é para fazer igual, pois cada um sabe fazer o seu do seu jeito (...).

Em outro momento da aula, um aluno conversa com o outro sobre como escreve a palavra nossa. A docente escuta o diálogo dos alunos e diz:

P: A palavra nossa é com N. venha cá chegue (chama o aluno A1 no birô e lê as palavras escritas pelo aluno).

P: Espero que gos-te! Goste (lê a palavra soletrando as sílabas escrita dos alunos). Olha que isso aí está faltando alguma coisa na escrita? Olha aí.

P: Vamos ler juntos. Posso dar uma sugestão no seu texto? Espero que vocês gostem do nosso livro. Fica melhor assim? Então vamos lá escrever (...).

A docente trabalhou situações de atendimento individual com os alunos diariamente, tornando uma rotina fixa em sala de aula, durante nas correções e orientações nas atividades nas bancas dos alunos, assim como dava vistos nos cadernos após a construção das atividades. Segundo Frade e Silva (2006) a rotina do professor traduz o planejamento do professor em atividade didática de forma que garante a dinamização e envolvimento de todos.

Para Monteiro e Gomes (2005), a aprendizagem é vista como um processo construído através das interações entre professor e aluno, tanto no plano individual como coletivo. Por meio do diálogo que os conceitos sobre o sistema de escrita alfabética vão sendo construídos, dando significados a palavra escrita.

Segundo Zabala (1998), os modos de agir do professor podem produzir expectativas de aprendizagem, suas ações devem ser guiadas por uma intenção pedagógica sobre como queremos formar nossos alunos e o que queremos alcançar com o conhecimento e não apenas ser guiadas por intuições, uma vez que a aprendizagem depende das características singulares de cada um e essas correspondem às experiências vivenciadas nos dia a dia.

4.3 Entrevista com a Docente

Realizamos a entrevista com o intuito de identificar as possíveis contribuições no trabalho da docente no avançar dos diferentes níveis de aprendizagens dos alunos, para construir considerações sobre a prática docente do professor alfabetizador.

O professor alfabetizador tem como centro do seu trabalho os alunos, a partir deles que se empenham parte do ensino em sala de aula, uma vez que ensinar é trabalhar com seres humanos (Tardif, 2008). Segundo Albuquerque (2007) o ensino na alfabetização deve levar os alunos a perceberem que a escrita representa a pauta sonora e suas relações e não apenas o significado das letras.

Sobre as características da turma, a docente, em sua fala ressalta a diversidade da turma no nível de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. A docente apresenta a diversidade de níveis dos alunos falando sobre o grau da heterogeneidade presente de sua turma.

Nem todos sabem ler, não. Eu divido a turma em dois níveis, tem o nível que já sabe ler, que já está bem avançado e tem o nível que está com bastante dificuldade. Ai nós tem que fazer atividade separada, às vezes pra eles. A gente tem que fazer atividade diferenciada pra eles (...)

O perfil da minha turma... Eu acho que ele é bem heterogêneo. Eles têm a mesma faixa etária, mas, no desenvolvimento da aprendizagem é bem diversificado. Tanto é que já teve um período que eu tive que dividir a turma em três turmas. Três turmas pequenas pra trabalhar diferente, porque o nível deles, uns estão bem adiantados, outros medianos, outros estão bem atrasadinhos mesmo pra o segundo ano. Hoje, eu procuro trabalhar uma mesma atividade para todos os níveis. Porque percebi que alguns não gostavam de ver atividades diferentes na sala.

Salgado (2000) comenta que o professor deve conhecer, aceitar e valorizar as formas de aprender de seus alunos, comprometendo-se com o sucesso e a progressão da aprendizagem nas atividades. Como apresentado, a professora faz um perfil diante da realidade de sua sala de aula na alfabetização reconhecendo a heterogeneidade como um fator visível em sua sala de aula. Conforme afirma Perrenoud (1999) a Heterogeneidade é motor que deve mover o grupo.

A docente afirma que o processo de alfabetização é um momento que requer cuidados em vários aspectos, desde o cuidado com o tempo, ao ritmo de aprendizagem de cada aluno, como relata no trecho a seguir:

A alfabetização, cada um tem um ritmo. Mas, não é todas as crianças que são alfabetizadas ao mesmo tempo. Acho que é por isso que quando criou a alfabetização em ciclos foi com base em alguma teoria. Acho que é pra ajudar essa criança que...porque as vezes agente acha que toda criança com 6 anos já tem que está lendo e agente que trabalha com eles sabe que não é assim. Elas têm a idade cronológica, mas a idade mental dela é diferente. Às vezes os pais chegam e cobram muito da gente que é professor, que a criança... Agora mesmo para o 3 ano que não esta lendo como deveria e também cobram muito a questão da idade,(os pais: meu filho já completou 8 anos e não tá lendo). E a gente tem que respeitar essa idade, esse ritmo da criança, principalmente numa sociedade como dos meus alunos que são... Não tem ajuda em casa, então o ritmo das crianças por mais que eles se esforcem na escola e agente se esforce também precisam desse acompanhamento familiar e as vezes os pais cobram da gente, mas a gente sabe que não tem a parte deles e a gente sabe que tem deles que não tem essa formação para isso e a gente tenta fazer o nosso possível, mas respeitando o ritmo da criança, não dá... Às vezes, a gente cobra da criança e ela só se decepciona, quando percebe que ela não tá podendo e o colega esta podendo. Tá entendendo? Ai eu tendo pensar dessa forma.

Segundo Gomes e Monteiro (2005), a aprendizagem é vista como um processo construído através das interações em sala de aula. Tornam-se evidente os processos construídos no dia a dia da sala de aula e o respeito ao outro, suas fases, dificuldades e até mesmo a influência e o papel da família no ensino e ao próprio ensino da docente.

A docente salienta que o professor alfabetizador tem uma grande responsabilidade com os seus alunos. Soares e Batista (2005) comentam que seria natural a criança sentir dificuldade sobre aspectos da linguagem e que seria necessária uma instrução direta para que se desenvolvam conscientemente a capacidade de analisar a linguagem escrita. Desenvolvendo assim, um trabalho de alfabetização direcionado as reais dificuldades de aprendizagem, visando o desenvolvimento de todos.

É grande a responsabilidade do professor e professor alfabetizador é dobrado, é responsabilidade maior. Você pegar um 5 ano por exemplo, um 5 ano que já saiba ler, já tem essa base, porque lá na escola o 5 ano está em processo de alfabetização também. Você vai passar... Você vai passar modo de dizer. Você vai tentar construir conhecimentos com eles naqueles níveis deles. Mas a alfabetização envolve, acho que é mais, acho que envolve mais, sei lá... envolve mais sentimento sabe! Que você está ali mais com eles, vendo o desenvolvimento deles, eles são muitos apegados, eles são muitos dependentes. Então acho que é trabalho dobrado (DOCENTE).

A docente comenta sobre os desejos para a turma, mostrando o seu nível de formação e a consciência reflexiva de sua própria prática. Segundo Salgado (2000) o dever do docente circula entre conhecer bem os conteúdos curriculares, conhecer e aceitar as formas de

aprendizagem e de interação com os alunos e valorizar o saber que media em seu dia a dia de trabalho. Assim é um profissional humano, capaz de continuar aprendendo e um cidadão responsável e participativo na sociedade em que vive. Podemos perceber tais ações nas palavras a seguir, quando perguntamos o que ela espera de sua turma:

O que eu espero... Que eles consigam uma base. Sabe uma base para continuar avançando no desempenho deles. Porque eu acho assim eu acho o começo 1 e 2 ano é a base, a estrutura. Toda a base, eu acho que pra o mundo letrado, pra que eles se desenvolvam bem daqui pra frente, espero que o que eu estou proporcionando pra eles seja a base. Tomara que eu esteja conseguindo, só o tempo vai dizer.

Notamos que na entrevista a expressão de um trabalho reflexivo e consciente da prática docente, em ter construído bases educacionais através de seu trabalho educacional, como professora alfabetizadora. Consideramos que as palavras da docente deixa evidente o respeito a diversidade de aprendizagem dos alunos e a grande consideração aos tempos de aprendizagem das crianças.

Conforme o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (2001) o professor alfabetizador deve responsabilizar-se pelos resultados obtidos em relação às aprendizagens dos alunos, e como ficou explícito nas palavras da docente, tem construído bases para o desenvolvimento de seus alunos.

Na visão da docente, sua prática na alfabetização pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos em diversos níveis de aprendizagem. Dessa maneira a identidade da professora em questão ficou definida pelo papel que exerce em seu trabalho (TARDIF, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa, podemos considerar que ainda existem muitos fatores a serem observados sobre a prática docente diante da heterogeneidade de aprendizagens em sala de aula, sendo necessária a continuação nesses estudos, ao mesmo tempo, construímos muitos conhecimentos através dessa pesquisa. Dessa forma fazem-se necessário mais aprofundamento, uma vez que a sala de aula é um espaço de momentos únicos que vive em constantes mudanças. No caso do estudo realizado, nossos resultados permitem afirmar que

na prática observada há um atendimento à heterogeneidade de aprendizagens. Esta é garantida em sala de aula, mesmo que alguns aspectos precisem ainda ser repensados pela docente. O atendimento à diversidade de aprendizagem em sala de aula, no ciclo de alfabetização, é extremamente necessário para o sucesso dos alunos, uma vez que por meio dela vários saberes são permeados e construídos em sala de aula.

A metodologia utilizada pela docente consegue converter diversidade em construção de conhecimentos e, ainda, de fato, consolida o respeito e a valorização ao outro. Garantindo aos seus alunos uma educação adequada à aprendizagem dentro das particularidades e necessidades, conforme comenta a declaração de Salamanca (1994).

As crianças em processo de alfabetização vivenciam atividades que podem estimular o avanço dos diferentes níveis de conhecimento presentes em sala de aula. Pudemos verificar, ao menos, a utilização de estratégias de mediação para dar conta de trabalhar a heterogeneidade dos conhecimentos dos alunos. Contudo, a presença de estratégias didáticas utilizadas no ensino da alfabetização significa uma preocupação com a progressão das aprendizagens de todos os alunos.

A prática docente é um espaço repleto de significações. O atendimento da heterogeneidade na alfabetização deve ser um momento de trocas de experiências e saberes, uma vez que a criança está em constante aprendizado e necessidade de estratégias no ensino, que atendam seus interesses, mesmo que muitas vezes silenciados em sala de aula. A prática docente necessita também de cuidados, pois uma única formação não é suficiente para suprir a imensa responsabilidade do ato de ensinar. Para tanto, as formações continuadas são essenciais para professores incrementar novas metodologias em sala de aula, pois como percebemos nessa pesquisa, a formação é uma base para uma boa prática em sala de aula. Todavia, a função de professor assemelha-se ao profissional de Medicina, trabalhamos com seres humanos todos os dias para seu melhor na vida.

Consideramos que existe muito a conhecer e estudar sobre a prática docente em sala de aula. Devemos levar em consideração diversos fatores, do cotidiano escolar, tais como, os efeitos que falta de formações continuadas podem causar nas práticas em sala de aula? Professores alfabetizadores tem consciência de suas ações em uma sala de aula heterogênea? Os professores gostam de ensinar na heterogeneidade? Quais suas reais dificuldades em trabalhar na diversidade de aprendizagem? Essas perguntas podem contribuir para possíveis estudos sobre a prática docente na heterogeneidade de aprendizagem na alfabetização e assim auxiliem na melhoria de uma educação com qualidade para todos, como também para formações continuadas direcionadas para professores alfabetizadores.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Conceituando alfabetização e letramento**- In: Santos, Carmi Ferraz / Mendonça, Márcia (Org.) **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1ed. 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ALONSO, Myrtes. **Formar Professores para Uma Nova Escola**. O Trabalho docente - teoria & prática / Ana Gracinda Queluz (orientação); Myrtes Alonso organização). - São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- ALONSO, Myrtes. **Formar Professores para Uma Nova Escola**. O Trabalho docente - teoria & prática **In: Projetando a Mudança a partir de um Estudo do Cotidiano Escolar Escola Pública: Representações, Desafios e Perspectivas**. - São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- ABREU, Ana Rosa: **livro do professor** / Ana Rosa Abreu... [et ai.]. Brasília: FUNDESCOLA/SEF-MEC, 2000.
- ANDALÓ, Adriane. **Didática de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental: alfabetização, letramento, produção de texto em busca da palavra-mundo**-São Paulo: FTD, 2000.
- AZANHA, José Mário / José Sérgio Fonseca Carvalho. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 176 p.: il. – (Coleção Educadores).
- BECKER, Fernando. **Educação e Construção do conhecimento** - Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, LDB 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Ministério da educação**. Secretaria da Educação Fundamental. -3.ed. –Brasília: Secretaria, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. **Currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1 : unidade 1** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: **a heterogeneidade em sala de aula e os direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização: ano 02, unidade 07** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca**, 1994.
- BRASIL. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**, 2012.

BRASILIA. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão** / Organizado por Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Simone Medeiros. – Brasília: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. 480 p.

BRASIL. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: **currículo na alfabetização: concepções e princípios**: ano 1 : unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **Programa de formação de professores alfabetizadores**. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental. Coletânea de textos, Janeiro 2001. Acervo digital disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Prof/guia_for_2.pdf. Acessado em: 02/05/2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu**- São Paulo: Scipione, 2009.

CARRAHER, T.; REGO, L. L.B. **O realismo nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura**. Cadernos de Pesquisa, 39, 3-10, 1981.

CHISTÉ, Bianca Santos. ALVES, Luzenir da Mota. **Um olhar sobre o ciclo básico em rolim de moura – RONDÔNIA**. Escolarização, cultura e diversidade: percursos interculturais / organizadoras: Josélia Gomes Neves, Juracy Machado Pacífico, Maria Cândida Müller, Maria Ivonete Barbosa Tamboril, Marli Lúcia Tonatto Zibetti –Porto Velho-RO: EDUFRO, 2013. 136 p.

COUTO, Cremilda Barreto. **Escola em ciclos : o desafio de heterogeneidade na prática pedagógica**; orientadora: Maria Inês G. F. Marcondes de Souza. – 2008. 223 f.; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp076347.pdf>. Acessado em: 15/08/2017.

COUTINHO, Marília de Lucena. **Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores**. In: Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética /organizado por Artur Gomes Morais, /Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal. — Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Um olhar sobre a leitura e a escrita**. In: salto para o futuro: um olhar para a escola/Secretaria de Educação a distancia. Brasília: Ministro da educação, Seed, 2000.

DELEUZE, Gilles. (1988). **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. Acervo digital. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.com/colecao-educadores-dominio-publicomec-62-livros-em-pdf/14-2/livros-de-filosofia-pdf/23-livros-de-deleuze-em-pdf/> Acessado em: 12. Acessado em: 20/01/2018.

FERREIRO, Emília. Desarrollo de la alfabetización: psicogénesis. *in*: En Yetta Goodman (comp.) **Los niños construyen su lectoescritura. Un enfoque piagetiano**. Buenos Aires: Aique, 1991. Disponível em: <https://tallerdealfabetizacion.files.wordpress.com/2014/05/ferreiro-desarrollo-de-la-alfabetizacic3b3n.pdf>. Acessado em: 08/02/2017.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**: caderno do professor / Isabel Cristina Alves da Silva Frade. - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

Frade, Isabel Cristina Alves da Silva; SILVA, Ceris Salete Ribas da,. **A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula: caderno do professor** / - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 70 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Acervo digital, disponível em: <http://bibliotecauergs.blogspot.com.br/2011/05/livros-de-paulo-freire-disponiveis-para.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso/ MONTEIRO, Sara Mourão. **A aprendizagem e o ensino da linguagem escrita**: caderno do professor- Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

JOLIBERT, Josette. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Tradução Ana Maria Netto Machado-Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEAL, Telma Ferraz; GALVÃO, Andréa- **Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as). Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética** / organizado por Artur Gomes Morais, /Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal. — Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEAL, Telma Ferraz. **Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola**. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética / organizado por Artur Gomes Morais, /Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal. — Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SHMIDT, Leide Mara; RIBAS, Mariná Holzmann,. CARVALHO, Marlene Araújo de. **A prática pedagógica como fonte de conhecimento**. In: Queluz, Gracinda/ Alonso, Myrtes. O trabalho docente-teoria & prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. –São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNIO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov**. Revista Brasileira de Educação- Set /Out /Nov /Dez 2004 N° 27.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2° grau. Série formação do professor).

MIRANDA, Glaura Vasques de. **Um olhar sobre a organização do espaço e do tempo**. Salto padra o futuro: um olhar sobre a escola/ secretaria de educação a distancia. Brasília: Ministério da educação, SEED, 2000.

MITRULIS, Eleny; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. **Trajetória e desafios dos ciclos escolares no País**. Revista de estudos avançados- São Paulo. volume 15, n. 42 (2001). Disponível em <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9795>. Acessado em: 12/04/2017.

MORAIS, Artur Gomes. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética** / organizado por Artur Gomes Morais, /Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal. — Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

- ROJO, Roxane. **Desenvolvimento e apropriação da linguagem pela criança**: caderno do professor - Belo Horizonte: Ceale, 2006. 64 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento).
- SALGADO, Maria Umbelina Caiafa, **Um olhar inicial sobre a formação de professores em serviço**. Salto para o futuro: um olhar sobre a escola/ secretaria de educação a distância. Brasília: Ministério da educação, SEED, 2000.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5ed., 2ª impressão.- São Paulo: Contexto, 2008.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão de métodos**. 1. ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2018.
- SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: Ribeiro, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003, p. 89-113.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema de três gêneros**. 2.ed. 11. Reimpr.- Belo Horizonte: Autentica, 2006.
- SOARES, Magda Becker. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor /. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**; tradução de João Batista Kreuch. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização** (8a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**; Tradução Ernani F. da F. Rosa-Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

Apêndice A Roteiro da Entrevista com Docente

Entrevista Realizada no dia 18/12/2017

1. Qual o perfil de sua turma?

Nem todos sabem ler, não. Eu divido a turma em dois níveis, tem o nível que já sabe ler, que já está bem avançado e tem o nível que esta com bastante dificuldade. Ai nós tem que fazer atividade separada, às vezes pra eles. A gente tem que fazer atividade diferenciada pra eles. O perfil da minha turma... Eu acho que ele é bem heterogêneo. Eles têm a mesma faixa etária, mas, no desenvolvimento da aprendizagem é bem diversificado. Tanto é que já teve um período que eu tive que dividir a turma em três turmas. Três turmas pequenas pra trabalhar diferente, porque o nível deles, uns estão bem adiantados, outros medianos, outros estão bem atrasadinhos mesmo pra o segundo ano. Hoje, eu procuro trabalhar uma mesma atividade para todos os níveis. Porque percebi que alguns não gostavam de ver atividades diferentes na sala.

2. Como você faz as atividades? Diante da heterogeneidade, igual ou diferenciado?

Diferenciado, porque às vezes uns não acompanham os outros. Quando eu faço a mesma atividade geralmente eu sugiro que aquele que está mais desenvolvido, que a gente diz assim, desenvolvido, mas pra eles, a gente não diz assim, diz: olhe você que já aprendeu ajude o colega com dificuldade. Fazer atividades diferenciadas ajuda mais os alunos na sua dificuldade. Mas, às vezes é bom fazer atividades iguais pra conhecer o nível que estão passando.

3. Eu percebi que você pede para um aluno ajudar os colegas, pedir ao aluno ajudar o colega, ao fazer essa ação você se baseia em alguma teoria ou essa é uma prática que você viu que dá certo?

É uma prática que dar certo. Se tem alguma teoria, eu acho que é uma teoria que se eu já li, mas pra dizer quem é o teórico, hoje eu não sei não. Porque agente ler tanta teoria, que vai assimilando, assim o que agente acha interessante vai e coloca em prática, dar certo agente repete. Ai fica como interiorizado na prática da gente.

4. As teorias ajudam na prática em sala de aula?

Acredito que ajuda sim. Acho que elas ajudam a ver as coisas de certa maneira. Acho que aumenta nossa visão sobre determinado aspecto. Eu acredito que nós professores sempre devemos procurar estudar. Assim, conseguimos ver nossa prática e procurar sempre melhorar em função do outro, que são nossos alunos.

5. Como e com que base em que são feitos os seus planos de aula?

Os planos de aula da gente geralmente seguem a tendência da secretaria de educação passa pra gente. Agente tem um roteiro que tem que seguir aquele roteiro, mas acho que tem algumas teorias que eu acho interessante e que eu procuro apoiar minha prática. Eu gosto muito da teoria Montessoriana que coloca e que vê a criança como criança mesmo também que a aprendizagem faz parte da experiência dela e eu acho interessante Paulo Freire na questão da convivência, do respeito, do diálogo, parte do que a criança já conhece, acho que é por aí.

6. Qual o material pedagógico que você mais usa e que promove bons resultados na alfabetização?

Com material pedagógico, com jogos. Na escola como você viu não tem muitas variedades. Teve momentos que eu imprimi alguns jogos pra trabalhar com eles e outras vezes... Teve uma vez que agente mesmo construiu um joguinho, mas eu utilizo muito o livro didático. O livro didático Eu não sigo ele assim na sequencia, eu faço de acordo com a atividade daquele momento que estou precisando, às vezes os meninos dizem:- oh professora agente está no final do livro, mas tem tarefa pra ser feita que não fez no começo. Ai eu explico pra eles que agente faz. Que a gente segue projetos assim, por exemplo, projetos de alimentação. Ai no livro tem muitas atividades sobre isso, aí a gente pega atividades e usa. Gosto de usar também vídeos. Algum vídeo curtinho que a gente ajuda a explicar alguma coisa que você não sabe explicar direito, ai o vídeo vai lá e algumas vezes, explica melhor.

7. O que você espera da sua turma após o termino do período?

O que eu espero... Que eles consigam uma base. Sabe uma base para continuar avançando no desempenho deles. Porque eu acho assim eu acho o começo 1 e 2 ano é a base, a

estrutura. Toda a base. Acho que pra o mundo letrado de hoje, pra que eles se desenvolvam bem daqui pra frente, espero que o que eu estou proporcionando pra eles seja a base. Tomara que eu esteja conseguindo, só o tempo vai dizer.

8. O que você acha do processo de alfabetização em sala de aula?

A alfabetização, cada um tem um ritmo. Mas, não é todas as crianças que são alfabetizadas ao mesmo tempo. Acho que é por isso que quando criou a alfabetização em ciclos foi com base em alguma teoria. Acho que é pra ajudar essa criança que...porque as vezes agente acha que toda criança com 6 anos já tem que está lendo e agente que trabalha com eles sabe que não é assim. Elas tem a idade cronológica, mas a idade mental dela é diferente. Tem crianças que você sabe, com 5 anos já está desenvolvendo a leitura, tem outras que dá 7 dá 8 e ainda tá lento. Então eu acho que é isso, é respeitar o ritmo de cada um. Não é fácil pra gente que está alfabetizando saber dividir cada ano... Tem que ter esse respeito pela criança. Às vezes os pais chegam e cobram muito da gente que é professor, que a criança... Agora mesmo para o 3 ano que não esta lendo como deveria e também cobram muito a questão da idade,(os pais: meu filho já completou 8 anos e não tá lendo). E agente tem que respeitar essa idade, esse ritmo da criança, principalmente numa sociedade como dos meus alunos que são... Não tem ajuda em casa, então o ritmo da crianças por mais que eles se esforcem na escola e agente se esforce também precisam desse acompanhamento familiar e as vezes os pais cobram da gente, mas a gente sabe que não tem a parte deles e a gente sabe que tem deles que não tem essa formação para isso e a gente tenta fazer o nosso possível, mas respeitando o ritmo da criança, não dá... Às vezes a gente cobra da criança e ela só se decepiona quando percebe que ela não tá podendo e o colega esta podendo. Tá entendendo? Ai eu tendo pensar dessa forma.

9. Eu percebi que você deixa um tempo reservado na aula para os alunos fazerem atividade de casa na sala. Qual a intenção?

Como você percebeu que muitas atividades vão pra casa, mas não voltam feitas. Aqueles que sempre voltam com a atividade feita são aqueles que já estão... que já alcançaram certo desenvolvimento na leitura, na escrita. E esses que não trazem... assim no começo do ano a gente tenta cobrar quando ver que o pai ou o responsável não ajudam. Já tem uma hora que a gente já tem o que fazer. Ai a gente tem que fazer isso na escolar mesmo. Tem hora que a gente não tem que esperar pela família. A gente tem o papel multifuncional na sala de aula, é

pai, é mãe. Tem aluno que troca o nome da professora por mãe e também é muita coisa é psicólogo, é enfermeiro. De vez em quando a gente tem que ter esse jogo de cintura e saber lidar em todas as situações. E na alfabetização eles tem uma certa dependência. Eles são dependentes em muitas coisas, aí a gente tem, não é fácil não tentar lidar com todas essas situações da melhor forma.

10. Eu percebi durante as aulas que você fez ditado, um ditado usando o desenho da palavra.

Qual sua intenção?

Eu faço o ditado, geralmente pra ver o nível deles desenvolvendo sozinhos, porque assim quando a gente pede pra eles escrever, geralmente agente dá a palavra. Dar a palavra pronta. Eles estão vendo a palavra pronta e vão lá e copiam né? E quando eu faço o ditado, eu acho que é um desafio pra eles e pra mim também. Pra ver o nível que esta cada um, por exemplo, quando faço um ditado, eu percebo que tem criança que já esta escrevendo direitinho, que tem criança ainda na fase pré- silábica, aquele que está só colocando, porque tem as fases né. Eu tenho alunos em três níveis: pré silábica, silábica alfabética e crianças já em nível alfabetizadas. Tem aquele que você diz bo-ne-ca e ele só coloca as vogais, tem outros que colocam só as consoantes da palavra. É uma forma de sabe onde vou partir com cada aluno, saber colocar eles em cada grupo também.

11. Você comentou sobre a responsabilidade do professor, e qual responsabilidade do professor alfabetizador?

É grande a responsabilidade do professor e professor alfabetizador é dobrado, é responsabilidade maior. Você pegar um 5 ano por exemplo, um 5 ano que já saiba ler, já tem essa base, porque lá na escola o 5 ano está em processo de alfabetização também. Você vai passar... Você vai passar modo de dizer. Você vai tentar construir conhecimentos com eles naqueles níveis deles. Mas a alfabetização envolve, acho que é mais, acho que envolve mais, sei lá... envolve mais sentimento sabe! Que você está ali mais com eles, vendo o desenvolvimento deles, eles são muitos apegados, eles são muitos dependentes. Então acho que é dobrado. Mas, eu gosto. Eu prefiro a alfabetização a, um 5 ano. Sempre que eu posso, eu tô ali na alfabetização. Geralmente eu vou ate o 2 ano e volto pra o 1 ano. Só que esse ano não vai ter 1 ano de manhã, então eu vou continuar com a turma, eu espero.